

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Carla Braz Metzner

O passo em falso na dança da subjetivação:

O transtorno de subjetivação arcaica e sua abordagem na clínica psicanalítica

São Paulo

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Carla Braz Metzner

O passo em falso na dança da subjetivação:

O transtorno de subjetivação arcaica e sua abordagem na clínica psicanalítica

Carla Braz Metzner

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de Mestre.

Núcleo de Pesquisa: Método Psicanalítico e Formações da Cultura

Orientador: Prof. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo

São Paulo

2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Nadir Gouvêa Kfour
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Dados fornecidos pela autora

METZNER, CARLA BRAZ

O passo em falso na dança da subjetivação: O transtorno de subjetivação arcaica e sua abordagem na clínica psicanalítica

Carla Braz Metzner. São Paulo, 2021, 98 f.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio Mendonça Figueiredo.

Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. 2021

Área de Concentração: Psicologia Clínica

1. Dança. 2. Subjetivação. 3. Transtornos. 4. Arcaica. I. Figueiredo, L.C.M., orient. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. III. Título.

Nome: Carla Braz Metzner

Título: O passo em falso na dança da subjetivação:

O transtorno de subjetivação arcaica e sua abordagem na clínica psicanalítica

Dissertação de Mestrado apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial obtenção do título de Mestre, em Psicologia Clínica, Área de concentração: Psicologia Clínica. Sob a orientação do Prof. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo

Aprovado em: ____/____/2021

Banca Examinadora

Nome: _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Nome: _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Nome: _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Dedicatória

Para Victor Guerra, que gostava de escovar as palavras como o poeta Manoel de Barros

Para minha filha, Isabella, que torna tudo sempre melhor, com todo amor

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq),
pelo suporte financeiro na forma de bolsa concedida (Processo Nº 1300521)
que permitiu viabilizar este estudo.

Agradecimentos

O percurso deste trabalho se deu a partir de bons encontros com amigos que compartilharam os caminhos e descaminhos da vida. Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho se realizasse.

Ao Prof. Dr. Luis Cláudio Figueiredo, meu orientador nesta pesquisa, um pensador e pesquisador da Psicanálise que inspira por seu rigor e profundidade na construção do pensamento psicanalítico, sempre atento e com observações precisas. Minha gratidão por todo o aprendizado e pelo entusiasmo contagiante, que nos convoca a pensar a clínica, em suas concorridas e inesquecíveis aulas na PUC.

À querida Alícia Lisondo, pelo acolhimento e incentivo decisivos na travessia de elaboração desse trabalho.

À querida Prof. Dra. Elisa Maria de Ulhôa Cintra, por suas aulas sempre interessantes e criativas, que nos estimulam a tecer diálogos entre a clínica, a teoria e a literatura. Por compartilhar seu conhecimento, referências, poesia, e aceitar ser minha suplente.

À Prof. Dra. Rosa Tosta, pela generosidade em aceitar participar na minha qualificação e defesa, com sua leitura incentivadora e considerações que contribuíram para esse trabalho, e por suas aulas que eram uma experiência winnicottiana.

À Prof. Luciana Pires, por ter aceito o convite para participar na qualificação e na defesa, com seu olhar clínico apurado e criativo, que trouxe contribuições e considerações muito importantes para a elaboração desta pesquisa.

À querida amiga Fátima Flório César, por sua sensibilidade clínica, sempre uma inspiração no trabalho com pacientes graves, e por ter aceito o convite de ser suplente da banca.

À querida Ivanise Fontes, pelas trocas e conversas sempre tão animadas sobre os primórdios da vida psíquica, que contribuíram muito para o desenvolvimento deste trabalho e foram fonte de muito aprendizado.

À querida Eloisa Lacerda, pelas trocas e aprendizado nessa clínica da constituição do laço e pelo apoio nos momentos mais difíceis.

Ao grupo de orientação, pelo ambiente estimulante e motivador para a elaboração dos trabalhos de pesquisa: Adriana Gradin, Andrea Acioly, Bruno

Gueldini, Carolina Paixão, Celina Diaféria, Cláudia Rezende, Danielly Passos, Ricardo Cavalcante, Rodrigo Mello, Thaís Siqueira e Victor Costa.

Aos meus amigos de intervenção e seminários, pelos momentos especiais de trocas e parcerias nos desafios da clínica, nas alegrias e dificuldades compartilhadas que amparam e ajudam a apurar a escuta desse ofício “meio doido”. Arianne Angelleti, Adriana Gradin, Andrea Acioly, Cláudia Rezende, Cláudio Oliveira Filho, Kátia Piroli, Rachele Ferrari, Danielly Passos e Victor Costa.

Aos meus queridos amigos do grupo “terapêutico” de estudos de Winnicott, pelas trocas, parceria e o apoio sempre tão bons! Arianne Angelelli, Cecília Hirschzon, Claudinei Affonso, Diana Goldberg, Gilca Zlochvsky, Gina Tamburrino, Ivonise Motta, Kátia Piroli, Odelis Basile, Viviane Salomone, Maria Helena Affonso, Angela Hiluey, Eleonora Haddad, Cleyton Angelelli.

Às minhas queridas amigas do Grupo Entrelacer, pelos nossos projetos, atividades e parceria, Camila Sabóia, Daniela Taulois e Karina Soares.

À minha filha, Isabella, por sua presença sempre tão amorosa e iluminada, que torna a vida sempre melhor. A Rony pela parceria e ajuda de sempre.

Aos meus queridos pais, Terezinha e Luiz (*in-memoriam*), pelo amor, cuidado, apoio e bons momentos na vida que me permitiram construir um bom acervo e reservas que ajudaram a superar as perdas. Mesmo sofrendo com uma doença tão avassaladora durante o mestrado, meu pai me incentivou a seguir em frente. Agradeço à minha mãe por seu exemplo, sua força, e seu amor à vida mesmo diante de tantas agruras.

Ao meu irmão e amigo Aleksander, pela travessia juntos nos bons e difíceis momentos.

À Rogério Coelho, pelo percurso e acolhimento nesse período de tanta turbulência interna e externa.

À Sonia e ao trabalho do Tempo e Memória, pelo acolhimento e ajuda sempre tão importante para cuidar do trabalho e de todas as questões práticas necessárias.

À Rachel Botelho, pela generosa e cuidadosa revisão do texto sempre tão instrutiva.

À querida Cláudia Perrota, por seu acolhimento e sua visão sempre incentivadora nos caminhos entre a clínica e a teoria por sua revisão e leitura atenciosa.

A Victor Guerra, pelo aprendizado para ver e “desver” o mundo, por sua importância na construção do meu pensamento clínico e pelas lembranças preciosas enlaçadas à poesia de Manoel de Barros.

Aos meus amigos uruguaios, que possibilitaram a vivência de um *holding* inesquecível, Marcelo e Maren Viñar, Carolina Garcia, Laura Veríssimo, Claudia Ravera, Analía Camiruaga, Mady Correa, Tatiana Santander, Patrícia Singer e Silvana Vignale a minha gratidão .

Aos meus pacientes com quem aprendo todos os dias.

Ao CNPq pela bolsa concedida para realização dessa pesquisa.

(...) *"Houve talvez, no princípio, um calado colóquio de olhares. Ou talvez uma música: o sussurro do vento entre as folhas, o ritmo de uns passos no chão. Enfim - ninguém sabe como, nem por quê, nem por quem - isso se fez palavra. Desde então, a palavra nos fez. A tribo nu que olha o céu teceu um abrigo de frases, para não sentir tão viva a crueza da sua intempérie. A malha que a abrigava se fez inseparável de sua própria textura. Sua voz fez das sensações um mundo. Sobre o cego cimento dos instintos, alçou-se a casa da fala, a casa do homem".*

Alejandro Bekes (2010)

Ausência

"Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,

Que rio e dança e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém rouba mais de mim."

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Metzner, C.B. (2021). O passo em falso na dança da subjetivação: O transtorno de subjetivação arcaica e sua abordagem na clínica psicanalítica. 98 f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A presente pesquisa tem como proposta investigar eventuais percalços nos primórdios da constituição psíquica que podem ocasionar traumas e sofrimentos psíquicos, com sintomas que se manifestam nas interações, na comunicação e no brincar. Fomos guiados primordialmente pelas proposições do psicanalista Victor Guerra, para quem o vínculo entre o sujeito nascente e os objetos primários é uma co-construção gradativa, que ocorre através de um ritmo e do acesso à intersubjetividade. Dois casos clínicos mostram que os passos do sujeito nascente e os passos dos objetos podem se desajustar, ocasionando o passo em falso na dança da subjetivação, fundamental para a experiência de continuidade interna e de integração psíquica. Tal abordagem se contrapõe à tendência classificatória atual dos diagnósticos ao contemplar o acolhimento e o trabalho com os vínculos primários e o ambiente subjetivante a fim de reencontrar o ritmo de compartilhamento conjunto.

Palavras- chave: Processo de subjetivação; transtorno de subjetivação arcaica; ritmicidade conjunta; dança da subjetivação; vínculos primários

ABSTRACT

Metzner, C.B. (2021). The false step in the dance of subjectivation: the archaic subjectivation disorder and its approach in the psychoanalytic practice. 98f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

This study aims to investigate possible issues on the cornerstone of psychic constitution, which may lead to psychological suffering and trauma, together with symptoms manifested in interactions, communication and in the way one can play. We were initially guided by the approach of the psychoanalyst Vitor Guerra, who believes the link between the nascent subject and the primary objects is a gradual co-construction, which occurs through a rhythm and Access to intersubjectivity. Two clinical cases show that the steps of the nascent subject and the primary objects may go out of sync, leading to a false step in the dance of subjectivation, which would be key to the experience of internal continuity and psychic integration. By contemplating the reception and the work with the primary bonds and the subjectifying environment in order to rediscover the rhythm of joint sharing, this approach opposes the current classifying trend of diagnoses.

Keywords: Process of subjectivation; archaic subjectivation disorder; joint rhythmicity; dance of subjectivation; primary bonds.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
MÉTODO.....	17
OBJETIVO.....	17
PARTE I.....	18
Capítulo 1- A Cena Clínica.....	18
1.1 – Pedro: do desencontro ao reencontro do prazer de brincar juntos.....	18
1.2 - Pedro e sua quase desistência do encontro humano.....	18
1.3 – O desencontro entre Pedro e o ambiente subjetivante	26
Capítulo 2 – Wagner e o vento do sul	28
2.1 - O que narra Wagner no silêncio que escapa do seu barulho	28
2.2 - A história e a herança transgeracional	30
2.3 - A falta do pai	34
2.4 - A consolidação do vínculo terapêutico	39
PARTE II - DIÁLOGOS ENTRE A CLÍNICA E A TEORIA.....	46
Capítulo 3- A artesanaria da subjetivação.....	46
3.1 - A dança da subjetivação.....	47
3.2 - A co-construção do vínculo primário.....	53
3.3 O ritmo	58
3.4 - A função dos objetos primários na integração das experiências sensório- motoras	65
3.5 - Os indicadores de intersubjetividade	67
3.6 - Os transtornos de subjetivação arcaica ou o passo em falso na dança da subjetivação	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

INTRODUÇÃO

O acontecer humano demanda a presença de um outro. As primeiras organizações psíquicas do bebê, a entrada na temporalidade, a abertura da dimensão espacial, a personalização só se constituem e ganham realização pela presença de alguém significativo. (Safra, 2005, p.148)

A proposta desta pesquisa teórico-clínica é estudar os percalços que podem ocorrer nos primórdios da constituição psíquica, durante o processo de construção do vínculo com os objetos primários, e que ocasionam traumas e sofrimentos psíquicos, com sintomas que se manifestam nas interações, na comunicação e no brincar. Para aprofundar o tema, vamos nos embasar, primordialmente, nas proposições de Victor Guerra.

Psicanalista uruguaio, Victor Guerra (1958-2017) foi integrante da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU) e Membro da Diretoria de Crianças e Adolescentes da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL), de 2014 a 2016. Sua experiência e pesquisa no campo das relações arcaicas o levaram a ocupar lugar de destaque na América Latina e tiveram repercussão internacional.

O doutorado realizado na França, deu origem ao livro *Rythme et intersubjetivité chez le bébé* (O ritmo e a intersubjetividade no processo de subjetivação do bebê), lançado postumamente, em 2019 na Universidade de Paris e Lyon. O livro contou com a contribuição da filha do poeta Manoel de Barros, Martha Barros, que cedeu uma de suas pinturas sua para ilustrar a capa, depois de tomar conhecimento da admiração de Guerra pela obra do poeta. Na verdade, essa admiração se interliga à maneira como Guerra (2017), pensa a experiência de polissensorialidade típica da primeira infância e que nos acompanha a vida inteira. Para o autor, existe uma semelhança entre o processo de subjetivação e o processo artístico, que fica evidenciada nos poemas de Manoel de Barros, dedicado justamente a trabalhar “infância da língua”. Nessa experiência ocorre a passagem de um canal sensorial a outro, que é base da metáfora e da poesia, evidenciando um diálogo interminável entre o processo de subjetivação e a criação artística.

A partir da experiência clínica e de sua pesquisa, Guerra desenvolveu o que denominou os indicadores de intersubjetividade, culminando em um filme realizado em 2012 com financiamento da *International Psychoanalytical Association* (IPA). O filme mostra como o bebê constitui o seu processo de subjetivação e simbolização na presença do objeto primário durante o primeiro ano de vida, avançando desde o encontro de olhares com o objeto até o prazer de brincar juntos.

Na concepção do autor, a noção de intersubjetividade pressupõe que o bebê e os objetos compartilham e estabelecem, pela via da linguagem não verbal, vivências emocionais, as quais permitem a construção gradativa do *self* e a maneira singular de a criança sentir suas experiências, sua subjetividade. Trata-se de um encontro que se conduz dentro de um ritmo e uma espécie de dança (Guerra, 2009, 2014).

- Importante também localizarmos o autor no campo psicanalítico, no que se refere aos diferentes modelos teóricos acerca da constituição psíquica e da intersubjetividade. Há estudiosos defensores do período de indiferenciação primária, presente em modelos psicanalíticos clássicos, e há aqueles que apóiam a ideia de uma intersubjetividade primária fundada sobre as competências precoces do sujeito humano desde o nascimento. É o caso de Colwyn Trevarthen¹, que se opõe a essa visão do bebê em estado de indiferenciação ou fusão absoluta com a mãe. Há também os que defendem uma intersubjetividade secundária, como Daniel Stern², segundo o qual a intersubjetividade é adquirida ao longo da interação com o outro, sem partir da noção de uma indiferenciação psíquica inicial entre mãe e bebê.

Já para Winnicott (1958/2000)³ não existe um bebê sem uma mãe, e a constituição psíquica parte da fusão necessária ao nascer e da indiferenciação do eu/não-eu vivida na dependência absoluta, sendo que o amadurecimento emocional percorre um caminho de diferenciação e constituição progressiva até a independência relativa. O autor elucida as várias funções fundamentais dos

¹ Colwyn Trevarthen É professor emérito de psicologia e psicobiologia da Universidade de Edimburgo. Ele pesquisa as relações precoces entre o bebê e a mãe e afirma que o bebê apresenta competência para a intersubjetividade desde o início da vida.

² Daniel Stern (1934-2012), psiquiatra e psicanalista norte-americano especializado em desenvolvimento infantil, cujo conceito de sintonia afetiva e as pesquisas sobre as comunicações pré-verbais trouxeram contribuições para as relações mãe-bebê

³ Winnicott (1958/2000) "A ansiedade associada à insegurança". In: D.Winnicott Textos selecionados: Da pediatria a psicanálise. Rio de Janeiro: Editora Imago.

objetos primários, sintetizadas no termo *holding*, que advém do verbo *to hold* e possui, dentre seus significados, os de segurar, conter, manter, suportar, apoiar. Essas funções devem ser exercidas nos tempos arcaicos (antes da linguagem verbal) de modo suficientemente bom, constituindo-se em alicerces da personalidade e da saúde psíquica, sendo que uma falha ambiental no momento de dependência absoluta, quando o bebê se encontra tão indefeso, pode ser desastrosa para a constituição saudável do *self*.

(...) Os cuidados com as crianças giram em torno do termo "segurar", principalmente se permitirmos que seu significado se amplie: (sossegar, conter, tornar seguro, amparar, impedir que caia, assegurar, tranquilizar, serenar, firmar, apoiar...) à medida que o bebê cresce e que seu mundo vai tornando-se mais complexo [...] Winnicott (1967/1988, p.53)

Ainda que afinado com a perspectiva de Winnicott, Guerra (2014) entende que há uma dinâmica entre momentos fugazes de intersubjetividade primária e possíveis momentos de indiferenciação. Para o autor, da mesma forma que não existe um bebê sem sua mãe, não há uma mãe sem um bebê que possa interagir com ela. Nessa abordagem, a chave de leitura não será o sujeito, e sim o laço que se constitui entre a dupla. A proto-conversaço presente nos indicadores de intersubjetividade de Guerra (2014), como veremos ao longo deste estudo, nos mostra como os bebês, desde os primeiros meses de vida são sensíveis à expressão humana e à busca de comunicação.

Safra (2005 p.107), contribui com o tema aqui em pauta:

(...) O movimento do corpo da criança ganha, pelo desenvolvimento, modulações. Sua gestualidade é banhada em qualidades de encontro: o gesto de ternura, o gesto de raiva, o gesto de acolhimento... É uma espécie de dança, com qualidades estéticas, que coloca o corpo da criança no mundo humano, transformando-o não só num instrumento de fazer, mas também num meio de expressão de vivências subjetivas.

Acrescenta o autor, que algumas crianças não experimentaram essa dança do encontro com o outro, e como percebemos em muitas situações, seu corpo se movimentar de maneira mecânica, sem presença rítmica e melódica.

E isso nos faz pensar nos desencontros, na disritmia desse momento constitutivo, que podem por vezes contribuir para os traumas e os adoecimentos psíquicos.

De acordo com o psicanalista uruguaio, há de fato situações em que pode ocorrer um desencontro entre o sujeito nascente e os objetos, com efeitos desorganizadores no processo de subjetivação. Como veremos ao longo deste trabalho, Guerra (2015) muitas vezes caracteriza esses sofrimentos psíquicos como “transtorno de subjetivação arcaica” e propõe uma abordagem psicanalítica para tratá-los, considerando fatores ambientais e incluindo, fundamentalmente, os vínculos, as relações com o ambiente familiar e com a cultura.

Trata-se de uma visão psicanalítica que nos faz pensar nos mecanismos defensivos decorrentes dos momentos de desarmonia, de disritmia vivida nas interações precoces, na construção do laço com os objetos, podendo produzir uma evitação relacional e/ou depressiva. E que articula aspectos constitucionais e dificuldades de contato com o ambiente parental, afetando o processo de subjetivação do bebê nesse tempo arcaico (Guerra, 2016).

Pensamos, portanto, que a escuta psicanalítica nos oferece uma concepção de saúde mais abrangente e dinâmica e que pode, com isso, ampliar o raciocínio clínico.

Seguindo tal ponto de vista, Figueiredo (2018)⁴ contribui para pensarmos na complexidade dos adoecimentos psíquicos ressaltando a importância de uma visão de saúde integrada e compreendida como um processo. Nessa perspectiva, saúde/doença não se apresentam em oposição, mas como parte de uma dinâmica inter-relacionada.

Voltando-me ao meu fazer clínico, tenho recebido nos últimos anos, com frequência crescente, crianças cada vez menores com dificuldades na comunicação, nas relações sociais e no brincar, com sintomas de retraimento relacional e agitação motora, que me levam a pensar em percalços no processo de subjetivação. Foram justamente as dificuldades e inquietações vividas nesses atendimentos que me motivaram a realizar a presente pesquisa.

⁴ Figueiredo, L.C.M.; Coelho-Junior, N., (2018) Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura. Colaboração de Paulo de Carvalho Ribeiro e Ivanise Fontes. São Paulo: Editora Blucher

São casos que necessitam de um manejo especial do *setting* analítico, uma disponibilidade interna do analista para a sustentação das transferências e contratransferências, e que remetem às situações primárias vividas no processo de subjetivação e constituição dos vínculos dos tempos arcaicos. Nesse contexto, torna-se ainda mais fundamental o acolhimento, a tradução, a nomeação e o espelhamento para o reencontro do prazer compartilhado. (Guerra, 2014).

Para elucidar essas situações, apresento nesta dissertação o atendimento clínico de duas crianças, Pedro e Wagner (nomes fictícios). Ambas apresentavam entraves no desenvolvimento, não falavam, ou tinham dificuldades de fala, não brincavam e eram muito agitadas. No início, Pedro permanecia disponível para nossos encontros, por, no máximo, cinco ou dez minutos, não conseguia brincar e nem sequer me olhar; depois, jogava no chão tudo que encontrava pela frente e tinha ataques de fúria. Já Wagner entrava no consultório como um tornado, derrubando o que estivesse pela frente e me deixando atordoada com uma movimentação incessante. Sentia na pele a possibilidade de ser mordida, atacada, ignorada e por vezes tive a sensação de não existir.

Nos atendimentos dessas duas crianças, precisei então fazer muitos ajustes, de modo a apurar a escuta para o sofrimento comunicado no aquém e além das palavras e das agitações, e com isso, explorar o sentido dessas comunicações arcaicas.

Estamos diante, portanto, de um fazer clínico que convoca a corporeidade e a sensorialidade do analista, para "escutar com os olhos", atendo-se às expressões faciais, aos gestos, à postura... enfim, ao não dito, que se assemelha às experiências arcaicas de constituição do laço com o objeto. Muitas vezes, como afirma Guerra (2014), "o silêncio da palavra traz a caligrafia do corpo com todo o seu enigma".

São atendimentos que, certamente, se beneficiam da escuta polifônica (Figueiredo, 2014), para que possamos captar os sofrimentos quase inaudíveis presentes nos sons da agitação e nos silêncios do retraimento relacional comuns nas situações traumáticas. Na clínica psicanalítica, essa ampliação da escuta contempla os diversos sons do psiquismo humano com sua paleta de

cores e tons variados, com o som das defesas, das angústias e, por vezes, da passivação.

Importante aqui trazermos o entendimento de Figueiredo (2014) acerca das duas matrizes de adoecimento psíquico: a freudo-kleiniana, que se atém à ativação das defesas, das angústias; e a matriz suplementar ferencziana, que nos remete à passivação, à inércia e à agonia. Para o autor, a articulação entre as matrizes (psicanálise transmatricial) favorece a escuta das várias dimensões do inconsciente, com seus traumas precoces, suas necessidades não atendidas, mas também a escuta dos conflitos. A escuta das angústias e seus transbordamentos, criações e agonias, permite ir ao encontro do sofrimento que não pode ser comunicado explicitamente, uma vez que traz vozes silenciadas e, paradoxalmente, agitação. E remete a situações em que não se pôde contar com o outro significativo para o que realmente importa, gerando a dor da quase desistência da comunicação com o outro.

Desse modo, para compreendermos o passo em falso na dança da subjetivação, percorreremos neste estudo as propostas teórico-clínicas de Victor Guerra e o diálogo que ele estabelece com outros autores, principalmente com Winnicott. No trecho abaixo, Guerra expressa a importância dessa interlocução com outras formas de pensar, enfatizando a importância do encontro com o outro, que se refletiu em seu fazer clínico:

(...) Ideias em trânsito... ideias em movimento sem detenção definitiva... contínua transformação, maleabilidade, dúvidas...vacilações... certezas, opacidades... ,viagem, deriva aberta ao desconhecido...porosidade do inconsciente. Pois é assim para mim o diálogo com um autor. Um trânsito de ideias em comum, que nos unem e nos separam, que nos encontram e nos perdem em um ritmo de pensamento (Victor Guerra, 2015, p.2).

Em consonância com tal proposta, pretendemos conduzir o leitor nesse trânsito de ideias e experiências clínicas, em que são necessárias maleabilidade e abertura para o desconhecido e suas incertezas, de modo a concebermos a co-construção de um ritmo também entre analista e paciente.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa teórico-clínica, que utilizará o método psicanalítico de construção de caso, proposto por Pierre Fédida (1992)⁵. Através de uma narrativa ficcional, é possível explicitar os processos psíquicos.

São aqui apresentados e discutidos dois casos clínicos já encerrados, atendidos na clínica psicanalítica: uma criança de três anos e meio de idade, aqui chamada Pedro, e uma de cinco anos, aqui chamada Wagner, com o retraimento relacional e agitação motora. Ambas apresentaram percalços nos primórdios na constituição psíquica e nas relações com os objetos e com o ambiente primários. Os dois casos foram ficcionalizados para preservar o direito ao sigilo dos pacientes e de seus familiares.

A pesquisa em psicanálise segue as suas regras constitutivas do método psicanalítico, que parte das associações livres do pesquisador relacionadas ao material clínico e à atenção flutuante. É uma forma de registro clínico que preserva a qualidade intersubjetiva do encontro, ao considerar o pesquisador como parte integrante do campo transferencial e contratransferencial.

A importância da pesquisa clínica, segundo Figueiredo (2006)⁶, reside na necessidade de uma elaboração constante e da manutenção de certa opacidade, de um inacabamento que proteja a escuta analítica da saturação, do fechamento em escolas e de um discurso desvitalizado, de modo a se preservar o contato com a alteridade, o diálogo aberto e a busca constante de interlocução entre autores, saberes e teorias.

OBJETIVO

O objetivo central desta pesquisa é investigar o tema dos sofrimentos psíquicos provocados pelos percalços no processo de subjetivação, e as funções dos objetos e ambiente primários nessa co-construção. Buscamos refletir, ainda, acerca dos transtornos de subjetivação arcaica, conceito

⁵ Pierre Fédida (1992) Nome, figura e memória. São Paulo. Editora Escuta

⁶ Luís Cláudio Figueiredo e Marion Minerbo (2006) Pesquisa em Psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, 39 (70) junho de 2006, p. 257-278

desenvolvido pelo psicanalista uruguaio Victor Guerra, a partir dos casos clínicos aqui apresentados.

PARTE I

Capítulo 1- A Cena Clínica

1.1 – Pedro: do desencontro ao reencontro do prazer de brincar juntos

(...) Qualquer coisa que tenda a demonstrar explosões de ritmo, não provocadas - como um ponto de luz solar refletido, parece viva. Esta vitalidade rítmica do movimento é o que primeiro identifica a companhia viva.
(Colwyn Trevarthen, 1978, apud Anne Alvarez 1992 p.8)⁷

No caso aqui em discussão, do menino a quem chamo de Pedro, foi necessário percorrer um caminho que nos levou ao desencontro ocorrido logo que nascera, ou antes, disso - entre o tempo necessário para nascer e o tempo estipulado e esperado pelos pais - prosseguindo pela dificuldade dessa criança em se fazer escutar e escutar o mundo.

A seguir, trago a história dele, as questões familiares e o desenrolar do processo terapêutico.

1.2 - Pedro e sua quase desistência do encontro humano

(...) *“Nem ele sabia bem. Seu pensamentozinho estava ainda em fase hieroglífica”.*

João Guimarães Rosa (2001 p.54)⁸

Pedro foi encaminhado para análise por apresentar atrasos de fala e no desenvolvimento global, além de comportamentos agressivos e agitação. Estava com três anos de idade e, segundo os pais, já chegara dando um susto,

⁷ Colwyn Trevarthen and Hyley P. (1978) Secondary Intersubjectivity: Confidence, confinding and acts of meaning in this first year. Action, Gesture and Symbol. Editora- London Academic Press

⁸ João Guimarães Rosa (2001) Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira

fugindo do programado e do esperado: adiantou o momento do nascimento em quinze dias e não chorou imediatamente, embora, segundo eles, apresentasse boas condições de saúde, com nota dez na escala de Apgar.

Porém, o que denominaram “susto” parecia ser renovado a cada momento em que Pedro não correspondia ao bebê sonhado e esperado por seus pais, e isso passou a fazer parte do desencontro dele com seu ambiente primário, um desajuste de tempo e ritmos, desde o início. De fato, em várias situações, o tempo de Pedro não correspondia ao esperado pelos pais.

Então, quando o filho completou dois anos e três meses, após o retorno de uma viagem de avião, os pais notaram que Pedro não tirava as mãozinhas do ouvido, parecendo sentir muita dor. Foi então detectado que nascera com uma má-formação do coletor de secreção dos ouvidos, o que lhe causara muito sofrimento – por isso, era um bebê inconsolável durante os dois primeiros anos e tido por toda a família como “chato”.

A descoberta desse problema no ouvido produziu muita culpa nos pais, além de desgaste e brigas familiares. O médico que realizou o exame ficou impressionado com a extensão da obstrução dos ouvidos, com a dor que Pedro certamente vinha sentindo, já que chorava constantemente, e com o evidente prejuízo da audição, pois apresentava otites de repetição. Pedro ouvia bem, mas a obstrução provocava infecções de ouvido dolorosas.

Como consequência, o desenvolvimento da oralidade havia sido muito prejudicado, e a vivência de dor e solidão deixaram Pedro cada vez mais encerrado em si mesmo, provocando retraimento emocional.

Em relação à amamentação, diante das dificuldades que apresentava, e ainda sem o diagnóstico de obstrução e secreção no ouvido, a pediatra orientou a mãe a amamentá-lo a cada duas horas, o que tornou esse momento que deveria ser tão importante para a constituição do vínculo entre eles uma tortura para ambos.

Há ainda um fato bastante significativo para compreensão do caso, ligado ao quadro de otite, que a mãe me relatou em nosso primeiro encontro.

Quando Pedro nasceu, o pai havia mudado de trabalho e montado uma empresa, ficando muito ausente de casa. As famílias de origem de ambos eram de outro estado, e aqui em São Paulo, eles acabavam ficando muito solitários. Esgotada com a falta de sono, na solidão de seu sofrimento e desamparo, a

mãe passou a oferecer o celular para que Pedro se consolasse. Assim, o aparelho foi usado como substituição da relação materna, em um momento tão fundamental para a constituição dos primórdios do psiquismo, em que o outro humano é insubstituível. Pedro, em vez de encontrar um olhar que pudesse conduzi-lo à integração, fazendo o espelhamento e a tradução de suas necessidades de modo a acalmar a sua dor e angústia, encontrou a tela do celular.

Quando foi encaminhado para análise, Pedro já havia passado por duas cirurgias para colocar um tubinho coletor de secreção nos dois ouvidos - a primeira não havia dado certo, tornando necessário um segundo procedimento. Os pais tentaram colocá-lo em uma escola bilíngüe a mesma de seu irmão de seis anos, mas ele não se adaptou em virtude de suas dificuldades de fala e pelo fato de se tratar de um método mais tradicional de ensino, pouco flexível aos ritmos pessoais de aprendizado, como era a necessidade no caso de Pedro. A sua fala era incompreensível naquele momento, e a escola bilíngüe parecia ser novamente um desencontro. Naquele momento, ele não conseguia se comunicar em nenhuma língua.

Importante lembrar que, para falarmos a nossa língua materna, passamos por todo um processo constitutivo da subjetividade e do *self*. Como refere Bernard Golse (2006)⁹, a criança entra na linguagem pela música da voz da mãe, e dentro dessa matriz, também se encontram o som e as sílabas rítmicas que conformam as bases universais da música e das palavras. Para que uma criança possa entrar no sistema da linguagem verbal e pré-verbal, é necessário que ela sinta necessidade de se comunicar, com os adultos que a rodeiam.

Diante dos relatos dos pais, me pareceu que Pedro havia desistido de se fazer entender. Não era possível compreendê-lo totalmente, mesmo para quem convivia com ele com frequência. As queixas na escola eram muitas - ele ficava muito irritado por não ser compreendido, batia ou mordia os colegas, era muito agitado, não ficava na sala de aula, corria pela escola e não participava das atividades propostas.

⁹ Bernard Golse (2006) *L'être bebe* - France : Ed. PUF

Em nossos primeiros encontros, Pedro chegava me comunicando o seu sofrimento através de agitação e irritação. Apresentava dificuldades de fala, repetindo algumas palavras desconexas. Inicialmente, seu tempo de tolerância era muito baixo. Indisponível para o contato comigo e com o mundo, permanecia pouco tempo na sala, cinco ou dez minutos, logo querendo ir embora; ou, nos momentos em que sentia dificuldades de expressão, de comunicação, saía em busca do celular da mãe, para iniciar joguinhos que ele dominava e que eram, portanto, menos frustrantes.

De minha parte, tentava formas de aproximação cuidadosas; várias vezes ele tentou morder a minha mão durante as sessões. Preocupava-me, então, em sobreviver e encontrar formas de comunicação com Pedro. Com o tempo, a tolerância para estar comigo foi aumentando, mas, quando se esgotava, ele tinha acessos de raiva, jogando tudo que via pela frente. Após o seu atendimento, meu consultório ficava caótico, desorganizado, com lápis jogados pelo chão e brinquedos por toda parte.

Atender Pedro me deixava realmente cansada diante da necessidade dos ajustes para tornar nossos encontros frutíferos. A sala do consultório ficava um caos com restos de comida pelo chão e brinquedos jogados, eu precisava me recompor para o próximo atendimento. Nessas situações, ele me fazia sentir na pele as dificuldades e os desafios da clínica com crianças com traumas precoces e comunicações primárias. Com frequência, ele desviava os olhos dos meus, mas, quando me encarava, parecia estar encerrado dentro de si, incomunicável. Tentava me adaptar a ele, descobrir quais eram seus personagens favoritos, as coisas de que gostava; passei a selecionar melhor os materiais com que pudesse brincar e fui rearranjando minha sala, preparando-me para recebê-lo da melhor maneira possível. Ampliei o espaço, encobri o interfone, que ele puxava sem parar, comprei uma mesinha menor, troquei a minha cadeira que tinha rodinhas e que ele empurrava violentamente em cima de tudo. Eu tentava me manter viva e sobreviver a toda aquela agitação e desorganização, em disponibilidade para estar com ele, encontrá-lo, onde ele estivesse.

Tendo em mente o texto de S. Ferenczi (1927/1992)¹⁰ sobre a importância da adaptação do adulto à criança, tentava oferecer essa disposição a Pedro, algo que possivelmente os pais tiveram dificuldade em fazer pelo momento que viviam, de muito sofrimento e desorganização. Intensificava minha expressividade, por vezes me sentindo como uma personagem de cinema mudo – falava de maneira bem articulada, devagar, olhando para ele e buscando ir além das palavras. A minha comunicação precisava de um ajuste, precisávamos construir um ritmo em comum.

Segundo Victor Guerra (2018), o ritmo propicia uma experiência de estar com o outro, de co-construir através do gesto, da postura corporal e do tom de voz; trata-se de uma forma de encontro fundador de comunicação primária com o objeto.

Com tudo isso, passamos a nos aproximar. Comecei a dizer a Pedro que poderia ir embora quando quisesse, não precisaria jogar tudo, morder, apenas me dizer “tchau”. Surpreso com essa liberdade, que não vivia em outros ambientes, como na escola, muitas vezes trazia a mãe para estar junto conosco; noutras, me fechava dentro da sala de atendimento e permanecia na sala de espera.

A porta do consultório parecia, então, um palco para experimentar as oposições entre fora/dentro, perto/longe; certamente, não apenas em relação aos outros, mas também em relação a facetas de si mesmo.

Foram de fato muitos movimentos de aproximação e afastamento envolvendo a mãe e eu, que pareciam expressar a sua história, suas experiências de descontinuidades. Já sua agitação poderia estar relacionada à necessidade de manter vivo o sentimento de existir, ou o medo de perder o objeto, como afirma Anne Alvarez (2021). De minha parte, penso que sobreviver a sua irritação o ajudava a organizar suas vivências emocionais, diminuindo a agitação e as defesas.

Nesse sentido, fui colocando palavras também em sua relação com a mãe. Muitas vezes, ele queria bater nela, não conseguindo se conter e atuando o caos vivido dentro; assim, ia me comunicando a sua solidão e seu desamparo. Nas sessões que trazia a mãe para a sala de atendimento, ele

¹⁰ Sandor Ferenczi (1927/1992) *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* In: *Obras completas* São Paulo. Editora Martins Fontes

pedia para que brincássemos juntos; tinha a impressão de que buscava reencontrá-la e muitas vezes traduzi isso para eles, colocando palavras onde antes havia dor, silêncio e desencontro. Pedro pôde então vivenciar novas experiências que incluíam nossos encontros.

Todo esse trabalho de investimento no vínculo entre mãe e filho levou a uma reinvestida materna, em especial no olhar que ela dirigia a Pedro, e pude vislumbrar a possibilidade de recriar o encontro entre eles. Não raras vezes, a brincadeira que Pedro escolhia era esconde-esconde – com muito entusiasmo, ele se escondia, esperando ser encontrado por sua mãe. Nesses momentos, eu narrava como deveria ter sido difícil para os dois, todo o problema do ouvido, da dor e do cansaço, da frustração que marcou a constituição do vínculo entre eles.

Nessa ocasião, eu atendia Pedro duas vezes por semana, e fui percebendo que ele vinha se mostrando menos agitado, passando a me olhar mais intensamente. Ele respondeu ao tratamento, que incluía, além da análise com ele, um trabalho com os pais e com a escola, para que todos compreendessem o que se passava e pudéssemos, assim, realizar um trabalho conjunto. Com isso, o ambiente e suas relações puderam também ser trabalhados. Na epígrafe deste caso, trago o pensamento de C. Trevarthen (1978), que fala do movimento de busca do humano por uma companhia viva, o que me faz pensar em Pedro, em seu desencontro inicial e no seu retraimento afetivo.

No trabalho com os pais, conversávamos também sobre o uso dos eletrônicos; o pai acabou percebendo que, muitas vezes, até durante as sessões, ficava no celular e que todos na casa se excediam nesse uso, permanecendo cada um em sua solidão, sobrando pouco tempo para interagirem e brincarem juntos.

Penso que o trabalho conjunto com os pais na clínica contribui para a compreensão do mundo particular do filho, do seu sofrimento, fortalecendo os vínculos e redescobrimo o potencial da criança. No caso de Pedro, poder ser compreendido e não mais visto como o "chato que atrapalha todo mundo" fez toda a diferença em seu desenvolvimento.

Um fato que brindou esse novo momento e provocou uma grande transformação na rotina familiar: os pais decidiram comprar um cachorrinho, a

quem deram o nome de loiô. Pedro ganhou uma companhia viva para brincar e descobrir o mundo, além do celular.

Nas nossas sessões, fomos encontrando uma narrativa juntos, dividindo histórias e brincadeiras de roda, ele, sua mãe e eu. Percebia que, nesses momentos, ela ficava um pouco constrangida, evidenciando o desencontro e uma falta de sintonia afetiva com o filho. Certa vez, revelou que não sabia brincar e me contou do distanciamento de sua mãe, com quem convivia muito pouco - possivelmente, assim como Pedro, ela também tinha sido uma criança que não desenvolveu o prazer de brincar junto.

Com o tempo, a mãe foi podendo deixar a sala, e Pedro e eu fomos vivenciando um momento nosso. Um dia, logo no início da sessão, ela me contou que o filho havia participado de um piquenique no parque com a escola e havia gostado muito. Falei com muito entusiasmo sobre aquela experiência, e Pedro ficou muito contente e entusiasmado, conseguindo repetir algumas palavras já reconhecíveis, como "piquenique aqui"! Ao lado da análise, o tratamento fonoaudiológico também ajudava muito no desenvolvimento de sua comunicação.

A partir do episódio do piquenique, que significou um marco em nosso trabalho, em todas as nossas sessões, fazíamos o nosso lanche. Pedro trazia bolo, biscoito, suco e ficava muito animado em me oferecê-los - muitas vezes queria colocar o bolo ou o biscoito diretamente na minha boca, como nas experiências de mutualidade entre o bebê e a mãe. As brincadeiras de imitação são muito importantes na constituição psíquica, e Pedro estava retomando esse brincar tão essencial, o que o deixava muito contente – ele repetia piquenique e o final do nome do parque em que havia ido. Era visível o encantamento que sentia em ser compreendido, compartilhar uma experiência vivida, perceber-se como pertencente a uma comunidade humana, o assombro com a descoberta da capacidade de expressão, o prazer das trocas afetivas e emocionais que trazem sentido à vida emocional.

O tratamento de Pedro era muito emocionante. Aquele garotinho que chegara todo agitado e incomunicável, foi ficando mais tranquilo, o que possibilitava que experimentássemos juntos momentos únicos de descoberta de jogos, de comunicação e de inauguração de sua linguagem verbal. As sessões se iniciavam com a massinha, com os carrinhos que apostavam

corrida, eram interrompidas para que ele fosse ao banheiro, seguiam com o piquenique, e assim fomos caminhando para novas possibilidades de comunicação.

Após as férias de julho, a mãe contou da viagem da família. Conversei com Pedro sobre isso, e notei como ele se interessava cada vez mais por compartilhar suas vivências e experiências.

Juntos, a seu pedido passamos a olhar frequentemente pela janela do meu consultório. Quando avistava a igreja, Pedro a nomeava como a casa do papai do céu, e eu narrava para ele o que a mãe havia me contado de seus passeios com a avó na igreja e que ele parecia ter gostado muito.

Em uma sessão, de repente, interrompeu nossa brincadeira para me mostrar os sons dos passarinhos cantando. E aquele menino que antes não conseguia ouvir bem os sons do mundo passou a compartilhar comigo o momento vivido. A vivência dessas experiências emocionais possibilitavam o seu processo de subjetivação.

Segundo Bernard Golse (2013)¹¹, a construção dessa relação sensorial com o mundo, com o ambiente favorece a criação de representações e posteriormente da simbolização. É nessa intersubjetividade primária experimentada e compartilhada que o espaço para as relações de objeto vai sendo construído.

De fato, Pedro interessava-se cada vez mais por brincar em minha companhia. Uma das brincadeiras que fazíamos constantemente, a seu pedido, era a imitação dos movimentos e expressões um do outro, como se aquele espelhamento que ocorre no início da vida, entre bebê e mãe, para a identificação de estados emocionais, estivesse acontecendo naquele agora, ali, comigo. Nós dois nos divertíamos muito nessas situações.

Logo, ele também se interessou por carimbos que traziam animais e emoções humanas, dedicando-se a imitá-las, e quando se detinha no "bravo" ou no "feliz" ficava muito animado, parecia querer brincar e representar as alternâncias dos estados emocionais, continuando a estabelecer diferenças entre fora/dentro; eu/outro; continuidade/descontinuidade... Era sempre um jogo muito divertido que realizávamos juntos.

¹¹ Bernard Golse (2013) Sobre a psicoterapia Pais-Bebê: narrativa, filiação e transmissão São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo

Pedro também gostava bastante dos livrinhos de histórias e de brincar de fazer sombras nas paredes com os dedos; sua capacidade de representar e simbolizar foram se enriquecendo gradativamente. Em muitas sessões, pedia para que eu fizesse o contorno de sua mão no papel e ficava encantado com o resultado. Parecia vivenciar como afirma a psicanalista G. Haag (2002/2003)¹², uma primeira experiência de continência. Foram muitas as sessões em que esta era sua atividade preferida - pedia para que eu fizesse a mão dele, e às vezes para que eu fizesse a minha.

No decorrer do tratamento, Pedro passou a se comunicar melhor e a tolerar frustrações, não se irritando quando era contrariado ou quando a sessão acabava. Com mais condições de falar, foi começando a representar, fazer de conta e brincar. Após as férias de janeiro, Pedro já estava com um repertório verbal mais ampliado, articulando melhor os sons e com uma fala mais inteligível. E pôde retomar, para minha surpresa, aquela vivência tão especial do piquenique no parque e narrar o que havia vivido. Agora que podia se fazer entender, sua agitação e agressividade foram gradativamente diminuindo, dando lugar a uma comunicação verbal mais eficiente consigo mesmo e com o mundo.

1.3 – O desencontro entre Pedro e o ambiente subjetivante

Pedro iniciou sua existência sendo pouco reconhecido, considerado e ouvido em sua dor e sofrimento, encerrando-se em sua solidão e desamparo, quase desistindo de se comunicar com o mundo.

Certa vez a mãe me revelou que aqueles mais de dois anos em que esteve amamentando e dando-lhe mamadeira a cada duas horas, por orientação da pediatra, a deixaram muito deprimida. Não tinha mais vontade de fazer nada e ficar com o filho era insuportável, despertando-lhe muita raiva, por isso evitava-o sempre que podia, o que gerava muita culpa. O sofrimento e solidão que vivera foram intensos, trazendo também para a cena o desamparo que experimentara na sua família de origem, nas suas relações com sua

¹² G. Haag (2002/2003) O teatro das mãos p.9 -29 In: Revista da Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre vol. X n °1 - Abril – 2003.

própria mãe, que também nunca a acolhera nem auxiliara nos momentos difíceis.

Com isso, nos primórdios de sua constituição psíquica, nesse momento tão essencial de encontro humano, de necessidade do olhar, da voz da mãe, Pedro encontrou o vazio, ou o celular.

Um dado que me parece importante mencionar: quando tinha dois anos, Pedro teve uma convulsão muito grave que exigiu uma internação; fez vários exames, mas nada foi encontrado. Esse episódio também me remete ao texto já citado de Ferenczi (1927/1992), segundo o qual o mau acolhimento da criança pelo ambiente primário pode disparar a tentação de morrer; a falta de investimento emocional cria o vazio e a falta de esperança.

É o que parece ter ocorrido com Pedro: ele foi escutado em sua dor apenas após os dois anos e três meses de vida. O convite à vida oferecido pelos primeiros anfitriões do bebê, como afirma Winnicott (1962/1988), parece ser de fato decisivo para a constituição saudável do *self*.

Nesse momento de constituição psíquica e do processo de subjetivação, a presença do outro humano é insubstituível, sendo necessária para a contenção e a transformações das angústias, e para que as funções maternas sejam exercidas. Winnicott (1971/1989)¹³ enumera três delas: *holding* para auxiliar na sustentação física e psíquica; *handling* que se refere ao manuseio dos cuidados, possibilitando a personalização, e a apresentação dos objetos, para as futuras relações de objeto. São processos que participam da subjetivação do bebê e criam as bases de seu processo constitutivo e simbólico.

Pedro estava em fase ainda hieroglífica, como na epígrafe de Guimarães Rosa, e precisava do auxílio dos objetos primários para constituir, ajudar a decifrar e traduzir o seu nascente psiquismo. Ele experimentou um desencontro, uma disritmia primária, que ocasionou percalços na instauração do seu processo de subjetivação, gerando um retraimento emocional, além da agitação motora e dos sintomas nas interações, na comunicação e no brincar.

¹³ Winnicott (1971/1989) Tudo começa em casa. São Paulo: Editora Martins Fontes

Capítulo 2 – Wagner e o vento do sul

Todos nós temos razões para nos movermos;
Eu me movo, para manter as coisas inteiras.
(Mark Strand, 2003 p. 382)¹⁴

2.1 - O que narra Wagner no silêncio que escapa do seu barulho

Como escutar o sofrimento de Wagner em meio a tanta agitação? Essa foi a pergunta que me fiz quando iniciei o atendimento desse menino. Nesse percurso, foi necessário apurar a escuta e aprender a ouvir também com os olhos!

Wagner foi encaminhado para a análise com sintomas de agitação motora, dificuldades de interação, além de apresentar muitas trocas na fala, dificultando sua comunicação verbal. Segundo a mãe, não respondia quando falavam com ele, não permanecia na sala de aula e tinha queixa escolar por mau comportamento. Ele começou a falar apenas aos três anos, isolando-se ou tornando-se agressivo quando não era compreendido.

Logo na primeira sessão, me impressionou a forma como Wagner entrou em meu consultório e se movimentou na sala de análise. Atordoada, me lembrei de Taz, conhecido personagem dos *Looney Tunes (Warner Bros)*, que tem a forma de um tornado e se acalma apenas ao som de música. A passagem de uma atividade a outra se dava sem interrupção - ele subia na cadeira, na poltrona e no divã, puxava o interfone da sala insistentemente e não me olhava - era como se eu não existisse para ele.

Em agitação incessante, subitamente ele pegou uma escultura de grande valor afetivo para mim, lembrança de uma perda pessoal, que não estava facilmente acessível. Num primeiro momento, parecia sentir medo do objeto, mas depois começou a lutar com ele. A escolha da escultura, que representa uma figura humana, além de provocar um efeito importante em mim, pelas lembranças que evocava, pareceu revelar um sentido importante para ele - a procura e o receio de um contato. O interesse e o medo de Wagner estavam entrelaçados nessa escolha. Naquele momento, penso que já

¹⁴ M. Strand. Mantendo as coisas inteiras. New Selected Poems, D. Publishing Group, 2009

estabelecemos uma comunicação inconsciente, a escolha daquele objeto tão significativo para mim provocou um efeito no *setting*, que somente a posteriori se tornaria mais claro.

Esse episódio também me lembrou uma passagem de Saramago (2011, p.186)¹⁵:

(...) os objetos refletem alguma coisa da vida de seus proprietários. Deles se desprende frieza ou calor (...) São testemunhas que a toda hora estão contando, numa linguagem silenciosa, o que viram e o que sabem.

Também me remeteu a outro conceito do psicanalista Victor Guerra¹⁶, o de Objeto Tutor (2017). Em seu trabalho acerca da simbolização, ele nos apresenta o objeto como portador de uma memória afetiva do sujeito, capaz de possibilitar a vivência de continuidade psíquica e servir de testemunho da criação conjunta com o outro. Era esse o significado que a escultura tinha para mim, mas não para Wagner, que em sua agitação pareceu encenar um grande vazio de criação conjunta com o outro.

Nessa primeira sessão, tentei mostrar alguns brinquedos a Wagner, mas que inicialmente não lhe despertaram muito interesse. Fui me dando conta de que ele sempre escolhia um objeto para expressar o medo de estar comigo na sala, em um lugar estranho e, ao menos nesse início, não confiável. Assim que ele chegava, logo escondia algum objeto da decoração do consultório que claramente temia, e fui compreendendo que se tratava de algo importante para a construção de uma confiabilidade progressiva entre nós. Desconhecidos para ele, os objetos eram vazios de significado, sem histórias, sem narratividade conjunta, mas por meio deles e de meus objetos internos ele parecia querer sentir o clima emocional do consultório e me conhecer. Somente depois passou a se interessar pelos brinquedos. Mas desde o início dos atendimentos nada em minha sala escapava a seu olhar.

Considerando a exigência que aquela movimentação contínua me comunicava e exigia, fiquei com uma dúvida: continuar atendendo Wagner ou encaminhá-lo? Então, escutei o sofrimento que sua agitação me comunicava e decidi ir adiante com o caso.

¹⁵ Saramago, J. (2011) Clarabóia. São Paulo. Companhia das Letras.

¹⁶ Victor Guerra (2017) Simbolização e objetos na vida psíquica: Os objetos tutores. *Jornal de Psicanálise* 50 (92), 267-286.

2.2 - A história e a herança transgeracional

Em meio a muitas mortes e perdas a história de Wagner foi se desenrolando. Ana, sua mãe, engravidou de um homem com quem não mantinha um relacionamento, que não acompanhou a gestação nem o nascimento do filho e tampouco participava da vida dele. De fato, Wagner pouco se lembrava do pai.

Na verdade, Ana e Wagner sentiam e partilhavam, cada um a seu modo, a falta e o vazio deixado por seus respectivos pais. Morto de forma trágica quando Ana estava com oito anos, seu pai, o avô (materno) de Wagner, fora torturado em seu país de origem, fato que pareceu ter contribuído para o comportamento agressivo que o homem manteve com a esposa e com os outros filhos, tios de Wagner. Como a família de Ana já havia alcançado o número de filhos permitido pela lei do país, o nascimento dela gerou problemas e perseguições. Da tragédia, restou para ela a suspeita de um eventual assassinato nunca esclarecido, perpetuando segredos e não ditos familiares. E Wagner, por sua vez, tinha um pai que quase não via e do qual não se lembrava muito bem.

Durante a gestação, Ana teve hipertensão e precisou antecipar o parto, o que a fez temer por sua vida e a do filho. Prematuro, Wagner permaneceu internado após o nascimento, enquanto Ana sofria de depressão pós-parto. Ela descreveu esse momento com muita dor, solidão e desamparo. Foi um início de vida muito difícil para eles.

As histórias vividas por mãe e filho me fizeram pensar que, possivelmente, por meio da agitação, Wagner encenava o caos que vivia internamente; por isso, a escolha da epígrafe selecionada para o caso do escritor Mark Strand (2003) retirada do poema "*Mantendo as coisas inteiras*".

Ao escutar Wagner, pude conhecer as angústias e agonias que sua agitação encobria; no barulho da agitação, que me deixava exausta, os silêncios se faziam presentes no diálogo visual e gestual que ocorria na sala de análise.

Trago uma situação que pode esclarecer o que busco retratar aqui. Ainda no início do tratamento, em algum momento das nossas sessões, Wagner mostrava interesse pela janela, buscando subir no lugar mais alto da

sala para vislumbrar a paisagem, pedindo para que eu lhe mostrasse a vista, as árvores e os prédios. Nas primeiras vezes em que isso ocorreu, eu estava tão imersa no caos da agitação do momento anterior, que só depois compreendi e me surpreendi: Wagner me pedia para que eu o segurasse, levantasse e pegasse no colo mostrando-lhe, assim, o que havia além do mundo caótico em que se encontrava e que vivíamos também no *setting*. Eis uma grande novidade que lhe trouxe a sala de análise quando deixou de ser ameaçadora; ele sempre morou em casa térrea, e agora podia ver as coisas de outra perspectiva, do alto.

Lembrei-me, então, do texto de Victor Guerra (2017)¹⁷ P de Poesia y P de Primavera, em especial de uma passagem em que cita a poeta Diana Bellessi. Ela narra uma experiência fundamental que havia tido com sua mãe, quando, com a filha nos braços, apresentava-lhe a primavera, fazendo-a sentir as cores das rosas, os aromas, as texturas, enfim, apresentando-lhe o mundo, de maneira polissensorial e rítmica. Penso então, que Ana não pôde tomar Wagner nos braços e apresentar-lhe o mundo, com seu colorido e sua sensorialidade, dada a depressão que, segundo relatou algum tempo depois, só a fazia querer dormir durante o primeiro ano de vida do filho.

Enquanto escrevo, pergunto-me: o que escutei além do pedido de Wagner para olhar a “vista” da minha janela? O pedido parecia incluir uma forma de vivência de atenção conjunta (Guerra, 2014), um modo de compartilhamento, o que ajuda a promover uma abertura para a construção de um espaço lúdico entre nós. Observei que minha escuta, minha compreensão/tradução desse pedido em atitudes criou não só uma aproximação, mas também a confiança necessária à continuidade do nosso trabalho e à instalação do vínculo terapêutico.

De fato, Wagner passou progressivamente a me olhar e a falar comigo, e foi assim que começamos a delinear e estabelecer alguns limites no espaço clínico. Procurei realizar um manejo importante da situação analítica, promovendo um enquadre marcado por autorizações e interdições que foram organizando e ajudando a torná-la menos ameaçadora, além de fazer um convite à interação. De minha parte, busquei também tornar o *setting* mais

¹⁷ Victor Guerra (2017) P de poesia y P de Primavera. In: Lacerda, Eloísa T. A clínica da constituição do laço: corpo – linguagem. Psicanálise. São Paulo: Editora Escuta, p. 5-7

flexível e favorável a nossos encontros; com isso, notei que Wagner passou a chegar ávido para explorar a sala e os brinquedos, agora menos agitado a cada sessão.

Voltando ao seu pedido para olhar pela janela, penso que havia algo além da possibilidade de ver as coisas de outra perspectiva - ver tudo do alto. Em uma das sessões, passado um bom tempo de trabalho, ele me perguntou se eu poderia vê-lo lá embaixo, quando fosse embora e passasse em frente ao prédio. Disse-lhe que sim e combinamos que eu esperaria sua descida para acenar para ele, e assim fizemos.

Foi de fato um momento emocionante e muito significativo; quando Wagner olhou para cima e eu respondi a seu aceno, revelou-se a importância desse compartilhamento como possível indicação de uma experiência de continuidade/descontinuidade entre a presença e a ausência, tão essencial e fundante para o trabalho de constituição psíquica e para o processo de subjetivação. Estávamos construindo um ritmo nos nossos encontros, com oscilações entre encontro analítico/presença e término/ausência que foram produzindo muitos efeitos.

Mesmo à distância, do alto do prédio, ele pôde me ver e eu pude reconhecê-lo. Mesmo separados, ele e eu continuamos a existir e permanecer na vida um do outro, com a possibilidade de experimentar o estar com o outro mesmo à distância. Trata-se de uma experiência emocional de continuidade de existência e constância de objeto. Wagner partiu levando com ele a presença de nosso encontro, dando com isso alguns passos na direção da construção de uma relação de objeto que pode permanecer, junto a sua própria existência. Wagner experimentou a continuidade de ser.

Nas sessões com a mãe, conheci a história familiar de imigrantes, a falta de segurança, a impermanência dos vínculos, repetindo uma história transgeracional dura, com muitas perdas e muito difícil de ser contada. Os pais de Ana viveram uma relação tumultuada e repleta de afastamentos drásticos e violentos, enquanto seus irmãos tiveram uma briga profissional muito grave, que culminou em agressão física e nova ruptura, o que resultou no afastamento definitivo da irmã de Ana, que nunca mais foi vista.

A relação de Ana com sua mãe também era atravessada por muitas desavenças e afastamentos. Durante a gestação de Wagner, Ana permaneceu

sozinha e só voltou a morar com a mãe quando começou a apresentar sintomas de pressão alta. Contudo, essa convivência permaneceu difícil, como ainda era na ocasião dos atendimentos. A instabilidade emocional era agravada pelo fato de a mãe de Ana apresentar um quadro depressivo grave com muitas oscilações de humor. A morte e a ameaça de rompimentos eram sempre iminentes, e Ana pareceu reproduzi-las na relação com Wagner, toda vez que perdia a paciência com o comportamento dele, reagia ameaçando desaparecer e deixá-lo sozinho, levando-o a uma experiência de aniquilação, que possivelmente o remetia às vivências de solidão que marcaram seu primeiro ano de vida, em função da depressão de Ana.

Na sala de análise, no decorrer das sessões, com o avanço do trabalho analítico, Wagner aos poucos foi ficando menos agitado, conseguindo brincar com os brinquedos da sala e me convidando a participar. Ele gostava muito de jogos e sempre me dizia: “Que vença o melhor!”. Mas nem sempre essa disposição prevalecia, e por vezes ele reagia muito mal quando perdia, ficando muito bravo e querendo ir embora.

Disse-lhe, então, que podia ficar bravo e até nem falar comigo, mas não podia sair da sala e ir embora, pois precisava esperar a mãe chegar. Essa fala trouxe contenção para o *setting*, sem se configurar como uma ameaça ao nosso vínculo. Depois de um tempo quieto, deitado no divã, conseguiu se controlar e me chamou para jogar novamente. A experiência de estar só na presença do outro, como refere Winnicott (1958/1983)¹⁸, foi de fato uma conquista importante para ele, que produziu efeitos e permitiu que atualizasse seus medos na transferência, trazendo-lhe confiança em nosso vínculo.

Penso que o trabalho clínico que fomos realizando foi tornando possível uma experiência nova para Wagner, de continuidade e permanência, já que ele pôde experimentar um objeto que sobrevive à sua destrutividade, que não retalia, não rejeita e nem pune, contribuindo assim para expansões e transformações emocionais. Segundo Winnicott (1968/1989)¹⁹, a análise possibilita que o paciente, gradativamente, viva a experiência do uso do objeto, o que permite considerar a natureza deste, que pode então fazer parte da

¹⁸ Winnicott (1958/1983) A capacidade de estar só. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

¹⁹ Winnicott (1968/1989) O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. Explorações psicanalíticas - Porto Alegre, Editora Artmed

realidade externa e não mais permanecer, apenas, dentro da área de controle onipotente do sujeito, que pode então, progressivamente fazer a travessia do objeto subjetivo ao objeto objetivamente percebido.

Ainda que no início mobilize dores, trazendo uma história de rupturas e ameaças de novas rupturas e morte, as sessões com Wagner foram aos poucos dando lugar à criação, ao encontro e às transformações. Ele foi podendo compartilhar e nomear os vazios e as faltas, como a do avô, que ele me contou ter morrido e que isso era muito triste... ou a falta do pai, de quem ele não conseguia se lembrar. A morte passou a ser um tema recorrente - em uma sessão, me contou que a mãe o havia levado pela primeira vez ao cemitério e que não sabia que o seu avô estava lá. Conseguiu nomear e falar dessa experiência árida para um garotinho de cinco anos e que trouxe à tona o sofrimento e a dor de sua mãe pela falta do pai.

Estávamos os dois, naquele momento, compartilhando a experiência da perda, morte e de seu impacto em nossas vidas.

2.3 - A falta do pai

Em uma sessão, Ana chegou muito angustiada e indignada, relatando dois episódios em que o filho não soube dizer o nome do pai, silenciando e reproduzindo a falta. O primeiro foi na casa de um amigo e o segundo, na escola. Nessa sessão tão intensa, que me sensibilizou, Wagner comunicou sua angústia em relação ao pai, de quem não sabia nem sequer o nome ou como ele era.

Após esse relato da mãe, Wagner entrou na sala e me pediu para jogar o jogo batalha naval. Antes de iniciarmos, olhou para mim, e me pareceu que lhe faltava mais do que um nome para se expressar. Procurei encontrar algumas palavras... Seu sofrimento deixou o clima emocional da sessão árido. Criou-se um fluxo emocional intenso entre nós. Aguardamos em silêncio até que as palavras pudessem surgir para nós dois. Perguntei então:

A: Você quer conversar sobre o que a sua mãe falou? Sobre o nome do seu pai?

O respeito ao tempo dele, a seu ritmo, permitiu que, no silêncio fossem tecidos os fios dos romances ali presentes. Até que ele sugeriu:

W: Vamos fazer um jogo de adivinha. Você tem que adivinhar o nome dele.

O nome do pai falta, e a tentativa de diminuir a angústia leva-o a transformar essa “batalha” em um jogo de adivinha. Wagner pegou um papel e nele fez uma letra, e assim começamos a jogar. De minha parte, fui tentando adivinhar o nome ausente entre todos os nomes possíveis. Pedi que me desse uma dica, e fui percebendo que ele realmente não sabia por onde começar. O nome falta. Ofereci algumas opções: perguntei se queria continuar, se gostaria de deixar o jogo para outra sessão ou se preferia perguntar a sua mãe, que foi o que escolheu.

W: Eu quero pedir para a minha mãe por mensagem.

Enviei uma mensagem para Ana, e quando a resposta chegou, me dei conta de um dos motivos que impediam Wagner de saber o nome do pai. Trata-se de um nome difícil de escrever e de falar, mais ainda para um menino em processo de alfabetização. Mas o esquecimento revelava e comunicava a ausência, a falta de um registro paterno, dentro e fora dele uma ausência que o nome impronunciável parecia atualizar.

W: Eu não consigo me lembrar! [exclamou angustiado]. Eu queria saber mais!

Pegou um papel, desenhou dois olhos, uma boca sorrindo e dois pés. Então, me falou:

W: Não consigo lembrar mais nada.

A: Você desenhou dois olhos, as mãos, os pés, um sorriso. Ele deve gostar de sorrir.

O sorriso do pai parecia uma pista importante, pois era o que mais se destacava no desenho. Um pai que gostava de sorrir poderia nos trazer conforto naquele momento de dor e falta? Minha observação produziu um

efeito nele! Sonhei um pai para Wagner que podia existir e ter um sorriso, além de dois olhos e dois pés.

W: Eu estou me lembrando - associou. Ele gosta de sorrir. Ele tem um barrigão. Ele mora com a mãe dele. Eu estou me lembrando do nome da minha avó, ela se chama Maria. Eu queria dar um beijo nele.

Wagner começou a ficar muito empolgado, retomou o papel e começou a fazer de conta que está escrevendo muitas coisas. Pedi que fosse me contando o que escrevia, e no verso de seus bilhetes fui transcrevendo o que ele dizia. Desse modo, grande parte de sua angústia foi sendo representada e expressada.

W: Eu queria que você viesse me visitar hoje, ou amanhã. Eu queria que você morasse na minha casa, não queria que você morasse com a sua mãe, ou você poderia morar com a sua mãe para sempre ou a cada dia.

Ele continuava a riscar o papel enquanto eu transcrevia. Escreveu o nome de seu pai em mais duas línguas que ele inventou, e fez o pai ter, como ele, mais de um nome - o de origem da cultura materna e seu nome em português. Até que falou:

W: Queria ver mais ele.

Passou, então, a desenhar um mapa que revelaria onde o pai poderia estar e me entregou, de modo que me tornei portadora desses bilhetes e do mapa com a localização do pai. Começou a repetir muitas vezes a frase: "Você precisa vir logo, antes do vento do sul, porque o vento do sul está chegando". Percebi que ele voltou a ficar mais angustiado e perguntei o que era esse vento do sul. Wagner me contou que ouviu isso em um desenho do *Peixonauta* na televisão: o vento do sul destrói tudo que encontra pela frente. Nesse momento, o vento do sul me atingiu, sei bem a que ele se referia. A morte, a perda trouxe de volta as rupturas e voltou a ecoar na sala.

Compreendi assim o medo de Wagner; o vento do sul como metáfora faz pensar no movimento de morte e separações que a vida já trouxe para este

menino, provocando um sofrimento que parecia excessivo para ele. No caso de Wagner, a sua angústia, o medo de ruptura e morte constante trazia a agitação como defesa, impossibilitando os trabalhos psíquicos. Mas o caminho para representar cada vez melhor a sua experiência emocional foi ganhando espaço.

Em muitos momentos durante essa sessão, Wagner me olhou atentamente, até que passou a fazer de conta que estava trabalhando e não tinha mais tempo para mim. Escutei nessa “falta de tempo” a comunicação do sofrimento que lhe causava a falta do pai, e lhe disse que, muitas vezes, devem ter lhe falado que seu pai não podia vê-lo porque estava trabalhando, e que ele deve ter sentido muito, assim como estava me fazendo sentir agora. Saindo de seu faz de conta, Wagner voltou a olhar para mim com atenção, dispondo-se a me mostrar o que estava fazendo e a falar comigo.

Wagner ficou a sessão inteira sentado e, desta vez, a sua movimentação foi mais interna, em vez de externa. Tivemos uma experiência emocional empática, que possibilitou o estar com, e me fez perceber como ele sentia a falta do pai. Essa sessão tornou-se muito intensa e tocante, especialmente quando perguntou se poderia trazer um quadro seu para colocar na minha sala. Escutei nisso a necessidade de sentir-se presente para mim, mesmo na sua ausência, podendo ter na minha sala um objeto que pudesse contar também uma história sua comigo.

Compreendi que ele necessitava saber se era possível se fazer presente dentro do outro, não ser esquecido e perdido. Será que seu pai e eu pensávamos nele em sua ausência?

Ainda nessa sessão, Wagner voltou-se ao papel para desenhar pistas e um mapa que recebera em uma brincadeira no shopping, com a promessa de encontrar um tesouro, advertindo-me, com tristeza, que na verdade não tinha tesouro algum, não havia nada. Desolado, ele buscava entender por que ocorrem as perdas, as rupturas e o vazio. Em sua fala, mesclavam-se a falta de esperança e o sofrimento, como se não valesse a pena o encontro com o outro, como se houvesse desistido de tentar. Acolhi seu sofrimento e seu temor de não conseguir encontrar o pai, e traduzi para ele essa experiência emocional tão intensa que ganhou expressão nessa sessão.

Como nos fala Antonino Ferro²⁰, o jogo simbólico é uma forma de narração, de construção de uma linguagem das emoções que nos oferece a oportunidade de reelaboração do mundo interior. E Wagner, no seu jogo simbólico, estava narrando todo o drama da falta do pai, atualizando na relação transferencial comigo os seus medos, as suas dores, e elaborando seu mundo interno através de um trabalho psíquico com potencial de transformação.

Após essa sessão, surgiu a oportunidade que eu esperava para abordar o que a presença/ausência do pai despertava na mãe e no filho. Ana o havia retirado da análise anterior, justamente após o Dia dos Pais, pois entendia que a analista estava insistindo em falar do pai, o que só piorava o comportamento de Wagner. Eu sabia que esse assunto era um "campo minado", que só poderia ser trabalhado com a confiabilidade instalada e as defesas menos intensas. Quando senti que o vínculo entre nós estava estabelecido, propus a Ana chamar o pai para uma conversa comigo. A situação direcionava para algo muito além do pai real - havia um pedido de Ana e Wagner para que pudessemos trabalhar a entrada de um terceiro entre eles.

Como portadora dos bilhetes e do mapa elaborado por Wagner, consegui contatar o pai, apesar dos obstáculos que a mãe vinha colocando e não sem antes ouvir muitas ressalvas: Ana afirmava que ele era perigoso e que eu deveria tomar muito cuidado.

Horário marcado finalmente conheci o pai de Wagner. E me surpreendi ao constatar que ele era um funcionário de uma grande empresa de São Paulo, não apresentando nenhum motivo para temê-lo. Contou-me a sua versão da história e de como Ana havia dificultado seu acesso ao filho, querendo controlar as visitas e estar presente nos encontros, alegando ser muito difícil controlar a agitação de Wagner.

Através do trabalho analítico, foi possível representar a falta, o que possibilitou uma significativa transformação - apesar de sua ambivalência, Ana passou a permitir que o pai voltasse a conviver com o filho, esporadicamente.

Essa possibilidade de convívio com o pai trouxe o terceiro na relação com a mãe, abrindo espaço para que o aprisionamento que Wagner vivia com Ana diminuísse. Como vimos, ela ameaçava constantemente o vínculo com o

²⁰ A. Ferro. A técnica na psicanálise infantil. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1995.

filho, ou com o abandono ou aprisionando-o em uma relação em que mais ninguém podia entrar.

2.4 - A consolidação do vínculo terapêutico

Decorridos os primeiros tempos de trabalho, a análise tornou-se um ambiente mais seguro. Wagner passou muitas sessões brincando de construir uma cidade com Lego e carrinhos, mas tudo ficava muito confuso e sem espaço.

Certa vez, ao intervir e oferecer ajuda para que houvesse mais mobilidade na construção, ele se surpreendeu e, durante muitas sessões, demonstrou alívio e surpresa diante do fato de que sua cidade podia oferecer espaço e distância entre os carrinhos, as casas e os caminhos, existindo o estar perto e o longe, a proximidade e o distanciamento. Uma alternância rítmica tão necessária para seu processo constitutivo. Essa vivência foi muito importante para ele, em seu processo de subjetivação, que conhecia apenas o abandono e o medo de ser esquecido e perdido, ou uma relação intrusiva que o aprisionava. O espaço de uma cidade que permitisse aos carros andarem, a possibilidade de voltar a ver o pai parecia abrir espaço para a alteridade, para o terceiro, que podia chegar e abrir espaço em sua relação com a mãe e o mundo. Não é necessário nesse processo que seja o pai real, mas no caso de Wagner e sua mãe a falta e a presença do pai tinham um sentido muito importante, e Ana não havia permitido o acesso ao filho por parte do pai e o apresentava como alguém muito perigoso.

Desta forma, este parecia ser o desafio: construir uma narrativa que criasse representações para seu mundo psíquico com novas possibilidades de elaboração e transformação psíquica. Talvez assim a agitação deixasse de ser a única opção para Wagner comunicar seu sofrimento.

A agitação e o movimento, segundo Victor Guerra (2012), substituem a falta do outro; o corpo se converte em fonte de descarga da excitação, com uma precária passagem pelo representacional. Enquanto existir essa dificuldade de passagem da excitação para o plano psíquico, a motricidade será usada como descarga. Assim, mover-se o tempo todo para se manter

inteiro, como nos diz Mark Strand em seus versos, era para Wagner seu único recurso.

Penso que a agitação de Wagner comunicava necessidades que não haviam sido atendidas, produzindo um trauma precoce que comprometeu seu processo de subjetivação e constituição de seu psiquismo, que necessitava da presença e funções do objeto primário, do encontro intersubjetivo. No início da vida, Wagner encontrou um ambiente pouco responsivo às suas necessidades, com a mãe deprimida e em sofrimento, uma avó pouco continente, também depressiva, além da ausência do pai.

Como apresentou atraso no desenvolvimento da fala, ficava muito irritado na escola por não se sentir compreendido. Nesses momentos, acabava por morder ou bater nos amigos, o que gerava muitas queixas de mau comportamento. A falta de contato e a impossibilidade de se manter na sala durante todo o período das aulas, criavam situações difíceis, isolando-o do restante do grupo em algumas ocasiões.

Enquanto escutava todo o sofrimento de Wagner, nele se faziam ouvir as várias melodias que o sofrimento entoava e silenciava. Do que falava Wagner nos silêncios entre os barulhos de sua agitação? Seria o medo de desintegração, de cair para sempre, da perda da capacidade de se relacionar com os objetos (defesa: estados autísticos) como nos refere Winnicott ?²¹ O colapso das defesas produz muito sofrimento, e o ego não consegue se organizar contra o fracasso ambiental.

Durante várias sessões, Wagner amarrava muitas vezes com um barbante um cachorrinho de brinquedo. Parecia angustiado, não queria que ele caísse, e dizia isso diversas vezes. Em suas brincadeiras, sempre pegava papel e queria colar, fazer pontinhos para que eu ligasse e produzisse algum desenho. Conforme eu traduzia os seus medos, Wagner percorria caminhos transformadores para a integração psíquica. E ele o fez através dessa experiência emocional vivida em nossos encontros, que não o deixava só e auxiliava na tecelagem de tramas tão difíceis.

²¹ Winnicott. (1963) O medo do colapso. Explorações Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas.

Thomas Ogden²² afirma que a intenção de um trabalho psicanalítico é aprender e transmitir a experiência humana. Assim sendo, as palavras, bem como a experiência psicanalítica, precisam estar vivas e respirando, e são como acordes musicais que precisam ser ouvidos em sua complexidade e em seus múltiplos sentidos.

Penso que o sofrimento e medo de Wagner estavam entrelaçados aos barulhos e à agitação, emudecidos pela falta de palavras e pelo vazio do desamparo vivido.

Ele chegou com diagnóstico médico de hiperatividade e sintomas de retraimento emocional, e a mãe foi orientada a medicá-lo com *metilfenidato*, o que não ocorreu, pois resolveu procurar primeiro a análise. Muitas vezes, o diagnóstico médico é “acelerado”, não considerando a história da criança, dos objetos e ambiente primários. No caso de Wagner, os entraves nos encontros intersubjetivos primários, a depressão e o sofrimento vivido por Ana durante o primeiro ano de vida do filho ocasionaram adoecimentos, gerando sintomas; somavam-se, ainda, as questões transgeracionais que traziam a morte e a constante ameaça de ruptura do vínculo afetivo.

O fato é que Ana também vivia solidão e desamparo, tendo lhe faltado sustentação ambiental para que pudesse exercer as funções maternas. Acreditamos, como refere Gilberto Safra (2005)²³, que a responsabilidade por esse desamparo materno é de todos os sujeitos envolvidos na cena familiar e de toda uma comunidade que deixou essa mulher em sofrimento.

Em seu trabalho sobre hiperatividade e déficit de atenção, Victor Guerra (2012)²⁴ conclui que, no plano emocional, os lutos não resolvidos da mãe ou da família podem fazer com que o filho continue sendo o objeto de completude materna. Pode ocorrer também certa anulação da figura paterna, não havendo interdição que opere entre mãe e filho, deixando as relações confusas pela falta de investimento afetivo e pelo excesso posterior que aprisiona e produz agitação, como no caso de Wagner. Através do excesso de atividade motora e da falsa vitalidade, ele parecia constituir uma defesa e distanciar os sintomas depressivos e/ou de morte, tão presentes e repetidos em sua história de vida.

²² Thomas Ogden (2013) *Rêverie e Interpretação*. São Paulo, Editora Escuta

²³ Gilberto Safra (2005) *A face estética do self* São Paulo: Editora Ideias e Letras

²⁴ Victor Guerra (2012) *Hiperatividade e Déficit de atenção no funcionamento psíquico da criança: O falso self motor*. *Psicanálise* v.14 n°1, p. 153-178

A partir de seu diálogo com Winnicott, Guerra (2018)²⁵ afirma que, nesses casos, a criança tem dificuldades com o sentimento de existir, não conseguindo manter uma sensação de continuidade da existência, apresentando dificuldades de estruturação psíquica dos tempos arcaicos. São situações em que há uma substituição da dependência necessária do objeto materno pela atividade e pelo movimento excessivo e desorganizante. A impulsividade é marcada por pouca tolerância à espera e à frustração por não ocorrer uma vivência de segurança e continuidade internas.

Nas interações precoces, a presença viva do objeto é fundamental para a constituição psíquica. Assim, o objeto primário funciona como um objeto que sustenta e contém as angústias, e possibilita o processo de subjetivação. Contribuindo com esse ponto de vista, a psicanalista Ivanise Fontes (2014)²⁶ refere que vários processos estão envolvidos para que a sensação de continuidade esteja garantida e se fazem presentes nas experiências de cuidados no corpo do bebê e de quem cuida dele. No caso de Wagner, penso que o sofrimento materno dificultou esse encontro a esse asseguramento.

Esta experiência durante os cuidados com o objeto primário é rítmica, e ocorre através da troca de olhares, da amamentação e da tonalidade da voz materna, propiciando uma experiência de sustentação e continência. Trata-se do conceito desenvolvido pela psicanalista G. Haag (1989)²⁷, da estrutura rítmica do primeiro continente, fundamental para a constituição do vínculo e da constituição psíquica.

Um ponto significativo a destacar diz respeito ao fato de Wagner desenhar o sorriso do pai. Apesar de se lembrar tão pouco dele, o pai parece ter inscrito uma diferença no contato, em relação ao que vivia no ambiente materno.

Explico: posteriormente, Ana me contou que ninguém sorria na sua casa. Todos eram muito sérios, e o clima emocional depressivo durante o pós-parto e no primeiro ano de vida de Wagner tornou o ambiente ainda mais árido. Penso que o sorriso do pai, mesmo com a pouca convivência entre eles,

²⁵ Victor Guerra (2018) *Rythme et Intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse: Editions Éres

²⁶ Ivanise Fontes, Máisa Roxo, M.C. Soares, S. Kislakov (2014) *Virando Gente - A história do nascimento psíquico*. São Paulo: Editora Ideias e Letras.

²⁷ G. Haag (1989) *De quelques fonctions précoces du regard à l'observation directe et la clinique des états archaïques du psychisme*, in: *Cahiers de Psychiatrie infantile- Echos du Regard*, 1989, p. 26-34

oferecera a Wagner outra experiência de contato afetivo. E na análise, a construção de uma experiência de comunicação e compartilhamento emocional foi contribuindo para que Wagner inaugurasse novas possibilidades de contato.

No início do tratamento, após a confiabilidade instalada, em muitas sessões Wagner se agarrava às paredes para não ir embora; em outras, pedia para ficar para sempre. Depois, com os manejos clínicos, chegar e partir tornaram-se momentos menos dramáticos. Passei a trabalhar com ele o término da sessão, para que não fosse vivido como uma nova ruptura. E, assim, fui entrando em contato com a solidão, a falta de atenção conjunta para brincar, a insegurança sobre a continuidade, que muitas vezes provocava a agitação que encobria seus medos e sua insegurança no vínculo.

Com o passar do tempo, descobri que havia uma ligação entre a agitação de Wagner na escola e os momentos manifestos de medo de ser esquecido e perdido, quando a professora dava atenção para outra criança. Wagner vivenciava, então, uma sensação de vulnerabilidade, insegurança e ameaça no vínculo. Tais situações revelavam-se muito difíceis para ele, impedindo a contenção de sua impulsividade pelo medo da perda de contato afetivo.

Com isso, assim que chegava ao consultório, a espera pelo nosso encontro se fazia intolerável pela atualização de seu medo de ser esquecido e perdido. No momento em que abria a porta, corria para dentro atropelando o que estivesse à frente. Precisei fazer um manejo e pedir à mãe para aguardar na sala de espera do prédio e subir somente no horário, para que Wagner pudesse ficar mais tranquilo. Em vários momentos, ele me perguntava quantos pacientes eu tinha, se ele era o último do dia e queria investigar se havia alguma alteração na sala e nos brinquedos. No manejo clínico, fomos construindo um ritmo para nossos encontros.

Segundo Guerra (2015), o ritmo articula e funciona como um ajuste, uma dança, intercalando os momentos de união-separação, presença-ausência, continuidade-descontinuidade, como forma de aliviar as angústias da descontinuidade, marcar o prazer do encontro com o objeto, tolerar sua eventual ausência e antecipar seu retorno, ajudando, com isso, a construir uma organização e continuidade psíquica - ambas tão prejudicadas na história de

Wagner e de sua família e que fomos construindo em nossos encontros clínicos.

Penso que de fato, o transgeracional da história familiar de Wagner, com rupturas tão drásticas, situações de morte e violência como entre seus avós, tios e pais, trazia repetições, silêncios, vazios e disritmia nos encontros. A constante sensação de insegurança fazia parte do não dito.

A esse respeito, o psicanalista Alberto Konicheckis (2018)²⁸ nos diz que as origens do sujeito humano são múltiplas e sucessivas; formam-se, reformam-se e transformam-se ao longo da sua existência, situando-se primeiramente em seu exterior, atravessando os desejos que lhes deram nascimento. Assim, as transmissões transgeracionais possibilitam e constituem o sentimento de identidade que, ao mesmo tempo, existe no exterior e na história da família. A vida humana começa, portanto, muito antes, fora do sujeito e em seu entorno.

Contudo, o que não se diz é sentido, e era precisamente isso que levava Wagner a agir como se tudo estivesse a ponto de se romper, de se quebrar a qualquer momento, pelo medo da perda do contato afetivo. A vivência traumática de ter se sentido esquecido e perdido durante o primeiro ano de vida trouxe muita solidão e era repetida na perda de contato, que gerava sintomas de retraimento emocional (evitava olhar e responder às perguntas que lhe eram feitas). A agitação e a dificuldade de contato foram se transformando ao longo da análise.

Fui percebendo o quanto Wagner estava conseguindo se relacionar melhor, sem retraimento emocional, permanecendo na sala de análise e na escola sem agitação. Também Ana pôde compreender a importância de não ameaçar o vínculo com o filho, que repetia a situação traumática.

No entremeio desses episódios, havia a dificuldade que Ana sempre teve de aceitar o pai de Wagner. Embora tenha permitido que ele registrasse o filho, não deixou que ele lhe desse o seu sobrenome. Houve ainda um tempo em que tentou encontrar outro parceiro para substituir o pai de Wagner. Isso porque não aceitava a origem cultural dele, tão diferente da dela, e temia que o

²⁸ Alberto Konicheckis (2018) *Subjetivação e sensorialidade: os embriões do sentido*, p.75-91. Continuidade e Descontinuidade no processo de subjetivação do bebê. São Paulo: Editora Escuta.

pai pudesse transmitir a Wagner não apenas um sobrenome, mas também costumes e hábitos de uma cultura que lhe causava aversão.

Entre os silêncios e os barulhos da agitação de Wagner, fizeram eco muitas vozes. Penso ter sido fundamental o trabalho com os pais e com a escola, que já havia diagnosticado Wagner ora como autista (porque não respondia às perguntas e não olhava para a professora), ora como hiperativo, porque ficava agitado e não conseguia permanecer na sala de aula, vagando sozinho pela escola.

O trabalho analítico com sua escuta aberta ao inaudível foi oferecendo a Wagner, gradativamente, a construção de uma narrativa e a criação de um espaço de integração. A possibilidade de narrar é precisamente a experiência de estar com o outro em um espaço de compartilhamento e elaboração afetiva. E foi nesse espaço que vivi com ele um processo de contínua aprendizagem, do apurar a escuta ao que cala, mas que pode ser despertado, por exemplo, por um convite para buscar um tesouro num mapa vazio.

A escuta psicanalítica pode trazer de volta o assombro, a surpresa, a mobilidade que só podem ser vividos quando há constância e continuidade internas. A disposição para essa escuta me traz também à lembrança um poema de Ferreira Gullar (1999):

*Muitas vozes
Tudo isso em ti
Se deposita e cala
Até que de repente
Um susto
Ou uma ventania
(que o poema dispara)
Chama
Esses fósseis à fala
Meu poema
É um tumulto, um alarido.
Basta apurar o ouvido.*

PARTE II - DIÁLOGOS ENTRE A CLÍNICA E A TEORIA

Capítulo 3- A artesanaria da subjetivação

Descobrir o desconhecido não é uma especialidade de Simbad, de Érico o Vermelho, ou de Copérnico. Não há um único homem que não seja um descobridor. Ele começa descobrindo o amargo, o salgado, o côncavo, o liso, o áspero, as sete cores do arco íris e as vinte e tantas letras do alfabeto; passa pelos rostos, mapas, os animais e os astros; conclui pela dúvida ou pela fé e pela certeza quase total de sua ignorância.

Jorge Luis Borges (2010, p.9)

A epígrafe desta segunda parte da dissertação nos ajuda a apresentar nossa concepção sobre o processo de subjetivação. Como adverte Borges, descobrir o mundo e a si mesmo não é privilégio de Copérnico ou de Simbad em suas viagens - todo ser humano tem seu percurso épico. A viagem de descoberta traz o desconhecido desde o início da vida, e ela é realizada durante o processo de subjetivação, com percalços e descobertas de si mesmo, do objeto e do seu entorno. Trata-se de uma artesanaria que se dá na co-construção assimétrica entre o sujeito nascente e seus objetos.

Nosso caminho para apurar a escuta percorre, então, a dança da subjetivação, o ritmo, o passo em falso e o transtorno de subjetivação arcaica, como postulado por Victor Guerra.

Como as teorias, apesar de necessárias, são sempre limitadas, usaremos a arte para abrir os muitos sentidos possíveis, o que é fundamental também na clínica, visto que o trânsito de ideias, a manutenção da curiosidade e da dúvida, possibilitam a abertura para o encontro com o outro. Em seguida trataremos os principais conceitos criados por nosso autor de base, Victor Guerra, sempre em diálogo com outros teóricos, tais como Winnicott, Golse e Roussillon, entre outros.

3.1 - A dança da subjetivação

(...) a estética é um tipo de conhecimento global, sincrético, sensorial e rítmico que predomina na primeira infância e que vai sendo ocultado pelo pensamento analítico diferenciador, predominante no adulto, ficando o primeiro a serviço da criatividade.

(Cabanellas, 2005 p.181)

Como a literatura tem o poder de conduzir a uma viagem que nos impregna de impressões, vivências sensoriais, rítmicas e estéticas e nos ajuda a adentrar nas experiências arcaicas, como assinala nossa epigrafe, iniciaremos a jornada com o recorte de um conto da escritora Clarice Lispector (1920-1977), intitulado “*Menino a bico de pena*” (1971).

[...] **O menino a bico de pena**

Como conhecer jamais o menino?

(...) Mas por enquanto ei-lo sentado no chão, imerso num vazio profundo.

Da cozinha a mãe se certifica: você está aí quietinho? Chamado ao trabalho, o menino ergue-se com dificuldade. Cambaleia sobre as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno. Conseguido isso, agora a inteira atenção para fora: ele observa o que o ato de erguer provocou. Pois levantar-se teve consequências e consequências: o chão move-se incerto, uma cadeira o supera, a parede o delimita. E na parede tem o retrato de O Menino. É difícil olhar para o retrato alto sem apoiar-se num móvel, isso ele ainda não treinou. Mas eis que sua própria dificuldade lhe serve de apoio: o que o mantém de pé é exatamente prender a atenção ao retrato alto, olhar para cima lhe serve de guindaste. Mas ele comete um erro: pestaneja. Ter pestanejado desliga-o por uma fração de segundo do retrato que o sustentava. O equilíbrio se desfaz - num único gesto total, ele cai sentado. Da boca entreaberta pelo esforço de vida a baba clara escorre e pinga no chão. Olha o pingo bem de perto, como a uma formiga. O braço ergue-se, avança em árduo mecanismo de etapas. E de súbito, como para prender um inefável, com inesperada violência ele achata a baba com a palma da mão. Pestaneja, espera. Finalmente, passado o tempo necessário que se tem de esperar pelas

coisas, ele destampa cuidadosamente a mão e olha no assoalho o fruto da experiência. O chão está vazio. Em nova brusca etapa, olha a mão: o pingo de baba está, pois, colado na palma. Agora ele sabe disso também. Então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino. Ele pensa bem alto: menino.

- Quem é que você está chamando? Pergunta a mãe lá da cozinha.

Com esforço e gentileza ele olha pela sala, procura quem a mãe diz que ele está chamando, vira-se e cai para trás. Enquanto chora, vê a sala entortada e refratada pelas lágrimas, o volume branco cresce até ele — mãe! absorve-o com braços fortes, e eis que o menino está bem no alto do ar, bem no quente e no bom. O teto está mais perto, agora; a mesa, embaixo. E, como ele não pode mais de cansaço, começa a revirar as pupilas até que estas vão mergulhando na linha de horizonte dos olhos. Fecha-os sobre a última imagem, as grades da cama. Adormece esgotado e sereno.

A água secou na boca. A mosca bate no vidro. O sono do menino é raiado de claridade e calor, o sono vibra no ar. Até que, em pesadelo súbito, uma das palavras que ele aprendeu lhe ocorre: ele estremece violentamente, abre os olhos. E para o seu terror vê apenas isto: o vazio quente e claro do ar, sem mãe. O que ele pensa estoura em choro pela casa toda.

Enquanto chora, vai se reconhecendo, transformando-se naquele que a mãe reconhecerá. Quase desfalece em soluços, com urgência ele tem que se transformar numa coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém compreenderá, senão ninguém irá para o seu silêncio, ninguém o conhece se ele não disser e contar, farei tudo o que for necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus, pularei por cima de minha felicidade real que só me traria abandono, e serei popular, faço a barganha de ser amado, é inteiramente mágico chorar para ter em troca: mãe.

Até que o ruído familiar entra pela porta e o menino, mudo de interesse pelo que o poder de um menino provoca, para de chorar: mãe. Mãe é: não morrer. É mãe, sim é mãe com a fralda na mão. A partir de ver a fralda, ele recomeça a chorar.

— Pois se você está todo molhado!

A notícia o espanta, sua curiosidade recomeça, mas agora uma curiosidade confortável e garantida. Olha com cegueira o próprio molhado, em nova etapa olha a mãe. Mas de repente se retesa e escuta com o corpo todo, o coração batendo pesado na barriga: fom-fom!, reconhece ele de repente num grito de vitória e terror — o menino acaba de reconhecer!

— Isso mesmo! Diz a mãe com orgulho, isso mesmo, meu amor, é fom-fom que passou agora pela rua, vou contar para o papai que você já aprendeu, é assim mesmo que diz: fom-fom, meu amor! Diz a mãe puxando-o de baixo para cima e depois de cima para baixo, levantando-o pelas pernas, inclinándolo para trás, puxando-o de novo de baixo para cima... Em todas as posições o menino conserva os olhos bem abertos. Secos como a fralda nova...

Clarice nos encanta com sua narrativa, que tem o poder de tornar significativa a cena corriqueira do menino tentando se erguer do chão, caindo e contando com a presença da mãe - como diz Guimarães Rosa (2001), quando nada parece acontecer, tudo acontece.

A capacidade de descrever com precisão a aventura do menino é mesmo tocante. De maneira poética e delicada, a escritora nos apresenta os desafios, os processos internos e rítmicos, evidenciando, com seu estilo único, que a constituição do sujeito é uma artesanaria que envolve o trabalho e as funções primordiais dos objetos - cuidar, nomear, proteger, traduzir, espelhar.

Como bem refere Winnicott (1969/1999), essa sustentação do objeto é fundamental para o processo de integração e também para assegurar o convite à vida feito pelos anfitriões do bebê em sua chegada ao mundo. O nascimento cronológico é seguido de um lento desdobrar até que possa ocorrer o nascimento psíquico²⁹, tão bem descrito pela autora.

Diante das várias possibilidades de leitura que o conto nos oferece, enfocamos o processo de subjetivação vivenciado pelo menino a bico de pena e seu assombro diante das descobertas de si mesmo e do mundo. Na artesanaria do encontro rítmico entre o sujeito e os objetos, o protagonista começa sentado no chão e, segundo a autora, num vazio profundo. Seria esse vazio o vir a ser do sujeito nascente que está constituindo o seu mundo interno e o seu ser durante as suas experiências precoces? Ele ainda se chama

²⁹ Cf. Ivanise Fontes (2017).

menino, o processo de subjetivação o constituirá como sujeito e ele terá um nome, mas, por ora, agarra-se à sua imagem na fotografia e, nesse processo constitutivo do vir a ser, vai tecendo no encontro com os objetos o seu nascimento psíquico.

Nessa travessia constitutiva, o menino encontra-se avançado em seu processo, podendo experimentar a dança do encontro com o outro, vivenciar a sustentação, o encontro de olhares e co-construir uma ritmicidade, atenção conjunta e narratividade, que lhe permitem conquistar paulatinamente a capacidade de estar só e sentir-se seguro para explorar o mundo. Ser chamado “ao trabalho” é o próprio processo constitutivo. A curiosidade parece ter sido possibilitada pela experiência de previsibilidade, permanência e confiabilidade nos objetos, já internalizada, tendo sido constituída de maneira progressiva e formando a base para a capacidade de separar-se do outro.

Mas o menino do conto está começando a andar e seu equilíbrio ainda é instável. Começar a andar é um marco qualitativo na experiência de separação e de autonomia. Trata-se de um momento de transformações internas, com os primeiros passos, as coisas, os objetos mudando de lugar e de posição pela nova perspectiva - o menino de pé se sustenta com o seu olhar no retrato do menino que está em constituição. Ele se agarra à sua experiência sensorial, mas precisa, nessa travessia, da sustentação do ambiente e dos objetos – o que ainda é instável e delicado.

A curiosidade pelo ambiente que o rodeia é intensa - vemos os desdobramentos da narratividade conjunta e mesmo a articulação de algumas palavras. Mas o que toma a cena é a linguagem não verbal e a busca de comunicação. Dessa forma, somos impactados pela narrativa de Clarice, que descreve toda movimentação interna e externa que se dá ancorada no objeto primário - a mãe oferece ao menino, da cozinha, uma sustentação e o menino pode ser chamado ao “trabalho” porque parece ter vivido uma ritmicidade no encontro com os objetos. É através dessas experiências no espaço e no tempo que a criança vai construindo uma continuidade psíquica.

O processo de subjetivação parece seguir sem entraves para o menino do conto, possibilitando desdobramentos em seu processo constitutivo, no desenvolvimento de seu mundo interno, de seu mundo psíquico, fruto das suas experiências corporais, como Clarice descreve de forma poética. Ele levanta,

cai, busca uma sustentação no ambiente e, ao pestanejar, vê ruir o frágil equilíbrio. Nessa trajetória, o menino dirige a atenção para dentro e para fora e explora o mundo com curiosidade, vai alternando a abertura objetal e a retirada narcísica. Nesse ritmo, vai interiorizando as experiências, e após o contato com o mundo, se retira e reconstrói para si mesmo a experiência vivida, constituindo assim sua subjetividade.

No esforço contínuo de se pôr em pé, se detém na baba, um novo alvo de exploração; é algo que vem dele e que pode ser manipulado. O menino se encanta com a descoberta e pensa alto - aqui vemos os primórdios da linguagem verbal. Da cozinha, a mãe o escuta e o sustenta com a voz, perguntando quem ele está chamando, quem é esse menino que está se constituindo e sendo constituído nessa co-construção. No esforço dessa busca, o menino cai para trás - o choro aqui aparece como comunicação e possibilidade de fazer com que a mãe apareça em seu socorro, que é garantia diante da sensação de desamparo.

“Mãe é não morrer”, lembra Clarice (1969, p.139). Ela então o envolve no quente e no bom. Nesse momento, podemos ver o *holding* fundamental feito pelo objeto que cuida, acolhe, acalma, conforta, tornando-se confiável e previsível. A experiência da segurança que se obtém com a presença viva do objeto possibilita a curiosidade e a exploração de si mesmo e do ambiente e pode assim compor o mundo interno.

Depois de tanto esforço, o menino adormece. Quando acorda, o pavor novamente o consome, o medo de um mundo sem mãe; ele fala a palavra que aprendeu e chora! Nesse ponto, novamente fica clara a necessidade da comunicação, de poder ser traduzido, espelhado, de modo que sua vivência possa ser nomeada e contida. A sequência nos mostra a mãe narrando o que o estaria deixando desconfortável - ele estava molhado. A curiosidade retorna fruto dessa vivência da sustentação materna que devolve a ele e traduz o seu desconforto através do cuidado. O espelhamento da mãe o deixa surpreso, e essa narratividade dá um sentido para sua experiência emocional.

Nesse vínculo construído entre o menino e sua mãe, na troca de olhares que o sustenta e acolhe, nos remetemos a Victor Guerra (2014), para quem a primeira carta de apresentação do bebê a seu ambiente é condição básica para a constituição subjetiva. O menino do conto desenvolveu essa comunicação

primária e estabeleceu um vínculo de confiabilidade com o seu ambiente subjetivante.

Guerra (2014), baseado em Winnicott (1967/1975), afirma que uma pessoa é alguém que os outros podem ver quando pode olhar-se no rosto da mãe como espelho; ou seja, ser uma pessoa significa ver-se, ser visto e, portanto, existir.

E o menino do conto parece existir, posto que se sente visto e pode confiar em sua mãe, que, mesmo à distância, o sustenta e está atenta as suas necessidades. O trabalho psíquico do menino pode se dar, então, contando com a ancoragem da mãe, já se constituindo dentro dele e permitindo o distanciamento e a separação - tão importantes para o processo de subjetivação.

Podemos pensar que, quando os objetos primários podem ir ao encontro das necessidades do bebê, que estão em constante transformação em função do amadurecimento emocional, a travessia das experiências ocorre de forma mais contínua. O bebê pode, portanto, vivenciar situações de não integração ou de relaxamento, como ocorre com o menino do conto, pela confiança que sente, pela sustentação física e psíquica.

Através das experiências sucessivas de integração tão bem exemplificadas, ele experimenta situações de curiosidade, de descoberta e alternância de estados. A mãe pode se distanciar, se diferenciar, dar espaço para o menino se constituir e descobrir, mas está sempre presente quando ele precisa. Trata-se, pois, da maleabilidade tão necessária do objeto que permite o desenvolvimento do bebê, que pode ir e voltar, se distanciar porque a qualidade de presença do objeto tornou possível esse movimento.

O menino parece passar com facilidade do estado de integração ao conforto descontraído da não integração, e a sucessão dessas experiências forma uma base para suas expectativas, ele pode, dessa forma, confiar nos processos internos que levam à integração, e com isso não precisa usar defesas de retraimento relacional ou agitação motora, como ocorreu possivelmente com Pedro e Wagner, conforme apresentamos na cena clínica.

Segurança e confiabilidade adquiridas através dos cuidados dos objetos primários e do ambiente formam a matriz do que virá a ser a retirada

momentânea do mundo para o descanso, bem como para a capacidade a ser conquistada gradativamente de estar só na presença dos objetos.

Como bem destaca Guerra (2014), as prioridades afetivas básicas do processo de subjetivação são: sustentação e alimentação física e emocional, atenção mútua, ritmo com o prazer de co-criar uma estrutura juntos que se repete e oferece previsibilidade e se renova gradativamente inaugurando a surpresa, a palavra e o jogo. São, portanto, as bases do processo de subjetivação que o menino de Clarice está trilhando, e vemos nascer, assim, a comunicação verbal e a sua capacidade simbólica tecidas nessa co-construção.

3.2 - A co-construção do vínculo primário

Partimos aqui da concepção de Victor Guerra, para quem o vínculo entre o sujeito nascente e seus objetos primários deve ser compreendido como uma co-construção que ocorre gradativamente através do ritmo e do acesso à intersubjetividade. Em sua visão, a constituição e descoberta do sujeito ocorrem na relação intersubjetiva e, sendo assim, trata-se, também, da constituição e descoberta do objeto³⁰. O menino do conto de Clarice nos mostra a simultaneidade desse complexo processo.

Lebovici (1960 p.150) afirmava que o "objeto poderia ser investido antes mesmo de ser percebido" como um objeto diferenciado e separado.

A visão de Guerra sobre a intersubjetividade se baseia nas mudanças que ocorreram nas últimas décadas decorrentes das pesquisas sobre a interação mãe-bebê com os trabalhos de Daniel Stern (1977) e Trevarthen (1978), que evidenciaram as potencialidades interativas do bebê desde o nascimento e contribuíram para o fundamento sobre como se dá o acesso à intersubjetividade.

No campo do arcaico e da constituição do vínculo primário, Guerra (2009, p.7) assim caracteriza a intersubjetividade:

³⁰ Também o psicanalista André Green (1990, p.52) parte dessa ideia, afirmando: "a atenção se dirige não ao sujeito ou ao objeto e sim à relação entre eles"

(...) uma forma de comunicação, que se expressa no início da vida através dos códigos de comunicação não verbal, que incluem não somente o conteúdo verbal da mensagem, como também suas envolturas, a prosódia, o ritmo, o tom de voz, o rosto, o olhar como espelho, a imitação e a empatia. Trata-se de toda a semiologia humana que se põe em jogo quando existe a possibilidade de descobrir pouco a pouco o interior do ser humano.

O conceito de intersubjetividade, portanto, significa para Guerra (2009) um "estar com", conhecer e fazer parte do mundo um do outro, criando assim um ritmo comum, uma melodia, uma coreografia para a dança da subjetivação, um ajuste constante para esse passo co-construído. Na dança da subjetivação e das comunicações primárias, progressivamente o *self* do bebê vai se integrando e se constituindo, através das experiências que ocorrem nos encontros compartilhados com o objeto.

Além de Winnicott, Guerra também dialoga com o psicanalista francês Bernard Golse (2006, p.35), para quem:

(...) Uma das formas que tem o ser humano para fazer nascer a intersubjetividade é através da música do encontro e do diálogo dos ritmos. É nesse ritmo que se estabelece gradativamente que ocorrem os intercâmbios afetivos de uma maneira dinâmica e porosa, como na pintura de Paul Klee "A Virgem e o menino". Nessa pintura os contornos de um se entrelaçam e se misturam com o do outro.

Guerra (2018) afirma que nessa co-construção é fundamental a maleabilidade lúdica do objeto, que possibilite ao bebê ir gradativamente se diferenciando, se constituindo e desenvolvendo sua autonomia. Nesse processo, o sujeito se constitui e o objeto ganha consistência e se constitui fora do sujeito.

A esse respeito, Golse (1999/2002, p.31) também destaca:

(...) O objeto maleável sabe oferecer-se à criança enquanto separável a fim de ajudar, através de sucessivas e preparadas experiências de fusão e de desfusão, a estabelecer progressivamente o afastamento interpessoal e intersubjetivo que lhe é necessário para tornar-se uma pessoa.

Podemos pensar a jornada constitutiva ocorrendo através de três planos que se superpõem e entrecruzam, em movimentos mútuos e permanentes, que elucidam as passagens e travessias dessa co-construção entre sujeito nascente e objetos primários. Segundo Golse (1999 p.64), nesses três planos do processo constitutivo que se entrelaçam temos: o registro dos envelopes, dos vínculos e das relações. O registro dos envelopes se situa antes da diferenciação e descoberta do objeto - aqui estão presentes as angústias arcaicas, que recebem denominações diferentes para os vários autores, como de explosão, cair para sempre, liquefação e agonias primitivas. A instauração desses envelopes depende das funções dos objetos primários. O registro dos vínculos primitivos remete aos processos de diferenciação - o bebê começa a pressentir a existência do objeto, permitindo a saída progressiva da fusão, da constituição do mundo interno. No registro das relações, o bebê já tem consciência do objeto - aqui não se trata mais de diferenciação e sim de separação entre eles, o que possibilita a entrada do terceiro. O movimento desses três planos, para o autor, promove o acesso à intersubjetividade.

Portanto, como bem destaca Guerra (2017), na dança da subjetivação e das comunicações primárias, progressivamente o *self* do bebê vai se integrando e se constituindo, através das experiências que ocorrem nos encontros compartilhados com o objeto, que também implicam desencontros, luzes e sombras, harmonias e desarmonias que fazem parte dos ajustes da dança da subjetivação. Nesse percurso, os pais e o bebê têm suas funções e tecem juntos as tramas do processo de subjetivação, como também vimos nos três planos de trabalho de Golse.

Para esclarecer a dinâmica desse complexo processo de encontro intersubjetivo entre o bebê e seus objetos para a constituição da parentalidade, apresentamos as funções maternas, paternas e do bebê, como proposto por Guerra (2018).

Nas funções maternas, segundo Guerra (2018 p.28), encontramos:

- 1) sustentação e unificação do corpo e do psiquismo através do ritmo, da atenção e da narratividade;
- 2) envolvimento do bebê com suas fantasias;
- 3) encontro prazeroso;
- 4) função de espelho, de tradução e transformação das emoções do bebê;
- 5) tolerância dos mecanismos de regulação dos afetos e da capacidade de estar só;
- 6) frustração, desilusão e introdução da descontinuidade, abrindo espaço à terceiridade.

Portanto, para o autor, a função primária do objeto materno é sustentar e unificar o corpo e o psiquismo, sendo o ritmo e a lei materna elementos fundamentais nessa tarefa. Quando ressaltam as tarefas da integração (*holding*, *handling* e apresentação do objeto), o autor marca mais uma vez a influência de Winnicott em seu pensamento.

Já as funções paternas envolvem:

- 1) sustentação - o pai sustenta o encontro entre a mãe e o bebê - "se necessitam três para que dois tenham a ilusão de ser um" (Guerra, 2018, p.29);
- 2) introdução da descontinuidade e separação próprias desse processo;
- 3) marcação da diferença com a mãe, podendo representar um pólo exploratório do desconhecido e do mundo exterior;
- 4) separação e transmissão da proibição do incesto.

E, finalmente, as funções do bebê são:

- 1) trazer para a vida psíquica dos pais o prazer e o desespero próprios da parentalidade;
- 2) ser suporte das projeções parentais;

- 3) possibilitar a reativação da comunicação primária, arcaica - o bebê co-constrói com seus pais uma língua intersubjetiva que possibilita a organização rítmica e narrativa de sua polisensorialidade primária;
- 4) sustentar a ilusão de completude e continuidade;
- 5) possibilitar experimentar emoções estéticas (estética da subjetivação), representando, assim, uma esperança de renovação e criatividade na vida dos pais. Em síntese, para Guerra (2018 p. 30), o bebê tem o poder de maravilhar, despertar os pais e reativar a comunicação primária.

Nesse encontro com o sujeito, os objetos primários revisitam consciente e inconscientemente a sua própria infância, as experiências emocionais que viveram nos cuidados e a forma como foram tratados por seus objetos - e isso pode provocar angústias e sofrimento. Guerra (2018) descreve essa experiência como um revisitar do mundo infantil, com suas paisagens agradáveis e desagradáveis, sendo que muitas vezes, o refere, "esse lugar não é tão luminoso e sim opaco e com angústias ocultas pela bruma do tempo" (Guerra, 2018, p.31).

Trata-se do que o autor nomeia de complexo do arcaico, com base nas ideias de Winnicott (1964/1987, p.4):

(...) "A mãe também já foi um bebê, e traz com ela as lembranças de tê-lo sido; tem, igualmente, recordações de que alguém cuidou dela, e estas lembranças tanto podem ajudá-la quanto atrapalhá-la em sua própria experiência como mãe."

A experiência da parentalidade pode, portanto, levar a uma viagem de retorno às vivências primitivas com os próprios pais, ao terreno do arcaico e ao funcionamento dos processos primários. Mas poderá também conduzir à estética da subjetivação, ao reencontro com o deslumbramento das descobertas e ao compartilhar da co-construção conjunta. Quando nasce um bebê, nascem também os pais, e essa jornada é atravessada por fatores conscientes e inconscientes, que pode também trazer o prazer do encontro.

Na estética da subjetivação, outro conceito desenvolvido por Guerra (2018), há a possibilidade de os pais saírem dessa angústia, através da experiência de contato primário com a experiência sensorial e o encantamento

das descobertas do bebê. Como o menino do conto de Clarice, que encanta a sua mãe com suas descobertas.

A estética, nessa perspectiva, é um tipo de conhecimento a serviço da criatividade, que predomina na primeira infância e vai sendo ocultada pelo pensamento analítico predominante no adulto, podendo ser revisitada no cuidado com uma criança e trazendo prazer e sofrimento.

O termo estética (de origem grega, *aisthésis*) nos reenvia a uma teoria do afeto e do sentir. Para Guerra (2014), trata-se da atividade sensorial, que faz parte do arcaico, das experiências sensoriais, das primeiras vivências corporais e que inauguram nossas relações intersubjetivas constituintes com o objeto e o ambiente primário.

E, de modo a mantermos o diálogo com outros campos, como a arte, para pensarmos na subjetivação e no ritmo, cito o escritor e psicanalista Santiago Kovadloff (2009, p.3)³¹

(...) A poesia devolve a possibilidade do assombro. O dia da descoberta, se trata de um ato fundamental, recuperatório, graças a qual o homem quebra a estéril familiaridade que mantém com a sua imagem e reconquista a relação consigo mesmo. Antes que fruto desta transfiguração, o poema é seu complemento propriamente dito. Ele é a parábola que vai do hábito ao assombro, do óbvio ao surpreendente, do cristalino ao dinâmico.

O ritmo e a melodia da voz materna são as bases das experiências afetivas compartilhadas e das emoções intersubjetivas, que muitas vezes se aproximam das vivências que temos diante de uma obra de arte quando ela desperta emoções que nos tocam, que nos transformam, nos tiram da familiaridade de nós mesmos e de nossas temporalidades cotidianas. Entendemos que isso pode de certa forma estar presente na experiência da parentalidade, como Guerra refere na estética da subjetivação.

3.3 O ritmo

Podemos pensar que o menino do conto da Clarice Lispector vivenciou um encontro rítmico com os objetos, com uma qualidade de presença que

³¹ Santiago Kovadloff (2009) *El silencio primordial* - Buenos Aires : Emecé Editores

garantiu a construção de um sentimento de continuidade, possibilitando a vivência da ausência e da descontinuidade, o surgimento da curiosidade para a exploração do ambiente e a possibilidade do distanciamento da mãe, que pode estar na cozinha enquanto ele fica na sala explorando o ambiente e a si mesmo.

No encontro com os objetos, portanto, a ritmicidade, a atenção conjunta e a narratividade podem co-construir uma sustentação necessária, um fundo de permanência e a constituição da confiabilidade que permitem a internalização da presença viva do objeto. E, como nosso interesse é a constituição do vínculo entre sujeito e objeto, podemos pensar que, nos casos clínicos aqui apresentados, essa co-construção encontrou percalços, dificultando o processo de subjetivação de Pedro e Wagner.

Para Guerra (2015), o ritmo é um conceito polissêmico abordado por vários psicanalistas, como Winnicott, (1967/1980), Golse (2006), Marcelli (2000), Roussillon (2010), Ciccone (2005), Haag (2005), e muitos outros. Originada do grego *rhythmus*, que significa forma de alternância, movimento regular, cadência, a palavra ritmo representa um elemento fundamental da vida psíquica, sendo o primeiro organizador da experiência interna do sujeito, permitindo uma previsibilidade e instaurando gradativamente a construção da temporalidade.

Considerando então que a experiência de continuidade e de integração psíquica se fundamenta no trabalho psíquico do objeto ancorado nas experiências dos cuidados corporais, no processo de subjetivação, a oscilação rítmica entre continuidade e descontinuidade, presença e ausência favorecem a construção da subjetividade. Isso porque a capacidade de simbolização da ausência do objeto somente pode se dar a partir do compartilhamento de sua presença afetiva, na constituição do primeiro vínculo de intimidade rítmica (Guerra, 2017)³².

O bebê e seus objetos vão construindo um ritmo comum, uma espécie de dança da subjetivação, que tem como fio condutor a busca de comunicação e a linguagem corporal do psiquismo nascente do bebê. Um corpo que "fala" através do gesto, da postura, da mímica, da voz... Essa comunicação básica

³² Victor Guerra (2017) Simbolização e objetos na vida psíquica: os objetos tutores. *Jornal de Psicanálise* 50 (92), p. 267-286

será fundamental para o compartilhamento estético e emocional e constituição do vínculo primário.

Ainda segundo Guerra (2014), o objeto pode reconhecer o ritmo do seu bebê, acalmá-lo e entrar em ressonância com ele, percebendo o tempo necessário para a integração de sua experiência e conhecer o seu ciclo de alternância entre abertura e retirada das interações, promovendo, com isso, os ajustes necessários.

Desde cedo, como atestam as pesquisas sobre a etapa intrauterina, o bebê vivencia algumas marcações temporais, como a respiração da mãe e a alternância dos estados de atividade e silêncio dentro do útero. Winnicott (1966/1988) já apontava que o desenvolvimento cerebral do feto permite alguma retenção das "memórias corporais", primeiros esboços de sensações que se agrupam para desenvolver um novo ser humano.

Já fora do útero, há alterações da respiração e da gravidade que provocam discontinuidades - a gravidade faz o bebê sentir-se empurrado de cima para baixo, o que torna imprescindível que seja segurado fisicamente no colo materno, numa sustentação ideal por envolvê-lo por inteiro, à semelhança das paredes uterinas. Como bem destaca Winnicott (1945/1958), a constituição do sentimento de continuidade do ser após o nascimento requer que o ambiente, representado primordialmente pela mãe, ou de quem se ocupa dele, possa se aproximar o máximo possível das condições anteriores vividas no universo uterino - calor, voz, respiração são reencontrados na contenção proporcionada pelo corpo materno nesse momento constitutivo do vínculo primário.

Pensamos que essa seria possivelmente a definição da mãe suficientemente boa - um objeto primário que possa auxiliar nas adaptações necessárias nesse momento de passagem do ambiente uterino para o mundo fora do útero. E, nos encontros primordiais do bebê com a mãe, nesse momento constitutivo do vínculo primário, o ritmo é vivido no corpo e no encontro com os objetos:

(...) Talvez o bebê precise deixar-se envolver pelo ritmo respiratório da mãe, ou mesmo ouvir e sentir os batimentos cardíacos de um adulto. Talvez seja-lhe necessário sentir o cheiro da mãe ou do pai, ou talvez ele precise ouvir sons que lhe transmitam a vivacidade e a vida que há no meio ambiente, ou cores e movimentos, de tal forma que o bebê não seja deixado a sós com os seus próprios recursos (Winnicott, 1967/1988, p.75-76)³³

Segundo Winnicott (1958/ 2005), o primeiro sentido de tempo advém da continuidade da presença dos objetos e vai se constituindo a partir de sua permanência, da continuidade dos cuidados, que permitem a continuidade do mundo e lentamente criam previsibilidade. Na descrição do autor inglês, fica claro que, nesses primórdios, o estado de ser, que surge do não ser, é muito incipiente e por isso a ausência dos objetos pode gerar agonias. Portanto, para o estabelecimento de memórias de presença, continuidade e previsibilidade, as experiências precisam ser rítmicas.

Também o psicanalista francês Ciccone (2007, apud Guerra, 2013 p.8) com quem Guerra estabelece interlocução, afirma:

(...) A ausência não é tolerável e amadurecedora se não for alternada com uma presença dentro de uma ritmicidade que garanta o sentimento de continuidade. A descontinuidade é amadurecedora somente sobre um fundo de permanência. E a ritmicidade das experiências dá a ilusão de permanência.

Para Ciccone (2018), há três tipos de experiência de ritmicidade no bebê: alternância da abertura objetal e da retirada narcísica; trocas interativas e intersubjetivas; experiências de presença e ausência do objeto. A alternância entre abertura e retraimento possibilita a internalização das experiências, e após um momento de interação com o mundo, a retirada possibilita recriar em si mesmo a experiência vivida, a internalização da experiência e a construção progressiva da subjetividade, como pudemos observar no menino do conto de Clarice Lispector. Essa alternância é justamente uma das funções fundamentais do ritmo; ou seja, organizar um eixo de permanência e de mudança entre presença/ausência, sono/vigília, continuidade/descontinuidade,

³³ Winnicott (1967/1988) Os bebês e suas mães. São Paulo: Editora Martins Fontes

oferecendo uma base de previsibilidade, constância e construção da confiança no objeto, sendo que a mudança instala progressivamente a surpresa e o jogo.

Nas afinações e ajustes dessa coreografia, se constrói o ritmo que sustenta o encontro intersubjetivo, a continuidade e o compartilhamento da experiência, contando com a participação ativa também do bebê. Porém, podem ocorrer percalços, por exemplo, quando um dos pais vivencia a retirada necessária do bebê como rejeição (remetendo à própria experiência arcaica com os objetos e sua história constitutiva). Essa situação pode sobrecarregar o vínculo do sujeito com os objetos, comprometendo o desenvolvimento da parentalidade e do próprio sujeito nascente, que fica impossibilitado de realizar a internalização e a construção subjetiva.

Podemos fazer uma aproximação do objeto criado/encontrado, proposta por Winnicott (1965/1983, p.164). É fundamental que o objeto primário permita que o bebê possa por vezes conduzir a dança, conhecendo, respeitando e se ajustando a seu ritmo e, assim, possibilitando que o bebê vivencie a ilusão da onipotência, tão fundamental para a emergência do *self*.

Em especial, o ritmo também é apontado por Winnicott (1967/1988, p.75)³⁴ como um elemento vivido no corpo e no encontro com os objetos. Diz o autor que, em estado de preocupação materna primária, a mãe é capaz de alternar de forma cuidadosa as interações com o bebê para que não sejam vividas como intrusão ou invasão. Ela faz aproximações de acordo com as necessidades dele, e através do ritmo vai modulando empatia e intuição. Durante a amamentação - que no processo de amadurecimento implicará o começo de contato com a realidade e o início da constituição de um si mesmo, que será progressivamente integrado em uma unidade - há uma intensa comunicação entre o bebê e sua mãe, dando início à mutualidade; e se tudo caminhar bem, ocorre o início da relação com a realidade externa.

(...) Quando mãe e bebê chegam a um acordo na situação de alimentação, estão lançadas as bases de um relacionamento humano. É a partir daí que se estabelece o padrão de capacidade da criança de relacionar-se com os objetos e o mundo (Winnicott, 1967/1988, p.55)

³⁴ Winnicott (1967/1988) Os bebês e suas mães. São Paulo: Editora Martins Fontes

Entretanto, Winnicott (1971/1986) adverte que a jornada de constituição de um eu integrado pode ser alcançada e perdida novamente, sendo o trauma justamente a perda da continuidade na existência.

Trata-se da forma mais primitiva de ligação afetiva, com o ambiente adaptando-se às necessidades do psiquismo nascente do bebê. Ao estabelecer essa unidade e essa comunicação primária entre sujeito e objetos, propicia-se a ilusão necessária para que, com isso, ele possa criar e encontrar o mundo.

Servimo-nos aqui de uma citação do poeta Mário Quintana (1989/2005, p.2):

(...) “As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevistas aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas. Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada.”

É, portanto, somente no momento de encontro rítmico do corpo do bebê com o corpo da mãe em preocupação materna que haverá condições para desenvolver-se um repertório que possibilitará a elaboração imaginativa das funções corporais e, posteriormente, a fantasia. Tem lugar então a constituição desse repertório imaginativo que é fruto da presença humana dos objetos; ou seja, a criança ganha unidade corporal por meio da e na presença do outro (Safra, 2005).

Segundo Safra (2005), é necessário que o bebê seja recebido e encontrado por uma outra subjetividade humana, que possa, nesse encontro, inseri-lo numa rede simbólica, de narrativas, de tradição, de filiação, de crenças e valores e, com isso, propiciar a constituição da subjetividade nascente do bebê.

O corpo elaborado imaginativamente é um corpo que respira, mama, esperneia, chupa o polegar, dorme e é acalentado... Nesse processo, vão sendo integradas as diferentes experiências sensoriais, o duro, o mole, o quente, o frio, o som da voz e o cheiro do leite da mãe. O armazenamento dessas memórias corporais de cuidado vão constituindo as interligações entre as experiências passadas e as do momento presente, contribuindo para a constituição e a emergência do *self* de forma viva.

As funções corpóreas do bebê (sensoriais, motoras e instituais) são então, elaboradas desde o início da vida e organizadas, integradas e articuladas simultaneamente pelo eu nascente, que adquire capacidades cada vez mais avançadas, sendo uma das funções principais a constituição da temporalidade e de sentido. Nesse processo, o bebê experimenta a onipotência, tendo a sensação de estar se alimentando, e não apenas sendo alimentado; de estar vivendo e criando, e não apenas reagindo a estímulos. Trata-se de um processo intenso que encontrará expressão posteriormente no brincar (Dias, 2014)

Assim, tal como diz o poeta Quintana, o mundo precisa ser criado, brincado e sonhado para que possa ganhar sentido e ser vivido. Essa experiência do ritmo do bebê deriva do gesto espontâneo e está sintonizada com a continuidade de ser. Tal capacidade para a experiência está relacionada à espontaneidade, à criatividade originária, que é a base do ser que precisa da facilitação do ambiente para ocorrer. A dança e a música formam parte das primeiras bases da constituição do psiquismo e das marcas arcaicas do processo de subjetivação.

O eixo presença e ausência do objeto também precisa ocorrer de forma rítmica para possibilitar que o bebê mantenha o objeto vivo dentro de si, como tão bem demonstra Clarice no conto.

Assim, de acordo com Victor Guerra (2018)³⁵, o ritmo articula e funciona como um ajuste, uma dança, intercalando momentos de união-separação, presença-ausência, como forma de aliviar as angústias de descontinuidade, marcar o prazer do encontro com o objeto e possibilitar a tolerância à sua ausência e a antecipação de retorno. A não ocorrência desse ajuste necessário nas experiências precoces pode gerar um desencontro, uma desarmonia interativa, uma disritmia, levando ao retraimento do bebê e também da mãe, desencadeando o passo em falso, situação que abordamos nos atendimentos clínicos.

Dessa forma, a escuta do sofrimento emudecido contribui para que, na ausência de palavras, surjam outras formas de comunicação, possibilitando o

³⁵ Victor Guerra (2018) Formas de (des) subjetivação infantil em tempos de aceleração: os transtornos de subjetivação arcaica. In: Regina O. Aragão e Silvia A. Zornig (Orgs.) Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê. Editora Escuta

reconhecimento das disritmias com os objetos que ecoam nas agitações e no retraimento e que revelam os desacertos no encontro com o outro.

3.4 - A função dos objetos primários na integração das experiências sensório-motoras

Na dança da subjetivação, as comunicações primárias ocorrem primeiramente através de gestos, postura, expressões, mímica, voz, entonação, prosódia, sendo o ritmo um dos primeiros organizadores do encontro intersubjetivo e da entrada no mundo humano. Para Guerra (2014), esse início da vida é, pois, o reino da sensorialidade, da motricidade e do ritmo, ancorados no corpo e no encontro com os objetos.

De fato, a atividade psíquica do bebê, como vimos no menino do conto de Clarice, ocorre nas experiências sensório-motoras, que estão em permanente processo de integração para a constituição do sujeito. Essa atividade dinâmica e permanente que busca organização e ligação pode acontecer no encontro com o outro em sua ritmicidade e narratividade.

Nessa medida, Roussillon (2010), destaca que as experiências arcaicas são vividas fora do tempo cronológico, num tempo subjetivo; por isso, se forem desprazerosas, podem não ter começo nem fim. Mas, quando são experiências de prazer compartilhado com os objetos primários, tendem a se inscrever como formas rítmicas, se organizando numa temporalidade rudimentar e criando o tempo compartilhado. O tempo compartilhado diferencia-se do tempo subjetivo por não ser apenas expressão do si mesmo, e sim já articulado com a noção de outro, fruto desses inter-jogo entre a presença e a ausência.

Portanto, o bebê adquire unidade corporal e psíquica por meio da e na presença dos objetos. As comunicações primárias precisam, pois, ser traduzidas, espelhadas, narradas e integradas no encontro com os objetos.

Pensando nas funções fundamentais dos objetos na constituição do laço, Guerra ampliou o conceito de lei materna proposto por Roussillon (1991) no livro *Paradoxos e situação limite em Psicanálise*. Trata-se da lei do encontro e um organizador da vida afetiva do sujeito nascente, contrapondo-se à lei paterna, que propicia a separação e introduz o terceiro. A lei ou função materna

leva em conta o próprio ritmo do sujeito, ideia trabalhada por Guerra (2015), que acrescenta elementos organizadores do encontro com consequências para a organização psíquica.

Um primeiro elemento diz respeito ao ritmo próprio do sujeito, e Guerra (2015) acrescenta a ideia fundamental de construção de um ritmo e uma temporalidade comum que está presente nas situações lúdicas e nas atividades rotineiras de cuidado. O segundo aspecto é o espelhamento, tradução e transformação das experiências afetivas. Por fim, temos a abertura à palavra, ao jogo e ao terceiro.

Para o autor, é fundamental a disponibilidade lúdica dos pais, para que ocorra o encontro e o processo de constituição possa se dar, possibilitando, assim, que a criança possa ir co-construindo sua subjetividade com o outro.

Essa comunicação básica será, de acordo com Guerra (2018), necessária para o compartilhamento estético e emocional. Apoiado no conceito de simbolização primária de Roussillon (2012), afirma que esse processo ocorre no momento anterior à linguagem verbal e na presença do objeto, possibilitando as primeiras formas de “simbolização em presença do objeto” (Roussillon, 2012 p.147), que é fundante para o psiquismo e permite a elaboração da ausência, da separação e o acesso à representação progressiva do objeto - processo tão bem descrito no conto. É, portanto, somente no interior do vínculo primário com o objeto, na sua presença viva, que se torna possível viver a separação e a desilusão posterior.

A simbolização primária, desse modo, traz para o centro da cena a importância do objeto primário na constituição inicial do psiquismo e no eixo principal de presença/ausência, continuidade/descontinuidade vivenciados nas relações primordiais.

Dessa forma, segundo Guerra (2018), o estudo das condições e da constituição das experiências subjetivas precoces podem nos ajudar a compreender a importância da qualidade das respostas e reações dos objetos primários no processo de subjetivação e na saúde psíquica do sujeito. Trata-se de um lento processo que ocorre no interior da relação com o outro, sendo fundamental a experiência de prazer estético (sensorial e rítmico), de compartilhamento de emoções, que possam integrar o novo e o inesperado.

Nas experiências, há busca de uma forma de comunicação do sujeito adulto na qual fluem emoções primárias, presentes no tom, na melodia e na musicalidade da voz. Essa comunicação pré-linguística, além da falta de palavras, exige um esforço psíquico extra, pelo fato de o bebê falar com o seu corpo e requisitar tradução. Além do ritmo, que é a base do jogo intersubjetivo e organiza o processo de subjetivação, é fundamental também a maneira como os objetos primários se apresentam ao sujeito nascente, nesse momento de constituição do vínculo afetivo facilitando ou dificultando os passos dessa dança.

Veremos essas funções dos objetos presentes nos indicadores de intersubjetividade.

3.5 - Os indicadores de intersubjetividade

Através das palavras de Clarice, encontramos também a oportunidade de aproximação dos indicadores de intersubjetividade de Guerra (2014), que contribuem para pensarmos como se dá o processo de subjetivação e a constituição psíquica, a construção do vínculo com os objetos primários e os eventuais percalços, como vimos nos casos clínicos. O indicadores deixam claro como o passo em falso na dança da subjetivação causa um desajuste que pode produzir sintomas e sofrimento psíquico.

Nos indicadores de intersubjetividade, Guerra (2014) procura apresentar os elementos que fazem parte de uma estrutura primária do vínculo, os precursores do desenvolvimento da linguagem verbal, do pensamento, da capacidade de brincar e simbolizar. Na visão do autor, essa língua:

(...) se expressa no início da vida através dos códigos de comunicação não verbal, que incluem não somente o conteúdo verbal da mensagem, como também suas envolturas, a prosódia, o ritmo, o tom de voz, o rosto, o olhar como espelho, a imitação e a empatia. Toda a semiologia humana que se põe em jogo quando existe a possibilidade de descobrir pouco a pouco os desejos no interior de ser humano. (Guerra, 2009, p.7)

A noção de intersubjetividade do autor parte do princípio de que o sujeito nascente e os objetos são co-participantes ativos na criação de uma

experiência emocional. As bases da comunicação e da linguagem verbal são co-construídas nesse encontro melódico e rítmico das comunicações primárias, sendo o cerne da intersubjetividade o "estar com", conhecer e fazer parte do universo um do outro e da constituição de um passo em comum.

Podemos dessa maneira pensar como, nesse momento arcaico, opera a presença do objeto em cada um dos indicadores, para que, através de um encontro prazeroso, o bebê possa, em breve, tolerar a presença/ausência e avançar no desenvolvimento dos recursos simbólicos.

Nessa viagem constitutiva de co-construção e co-transformação, o autor trabalha com onze indicadores, e nos apresenta como ocorre o processo de constituição psíquica no encontro com os objetos primários e o ambiente subjetivante. Apresentaremos um breve resumo dos indicadores de intersubjetividade que pretendemos entrelaçar posteriormente na discussão dos casos clínicos para pensarmos no passo em falso do processo constitutivo e no transtorno de subjetivação arcaica.

Do encontro dos olhares ao prazer de brincar juntos

Primeira parte - O encontro dos olhares e a dança das mãos

1) O encontro de olhares e a sustentação corporal (0-2 meses) Guerra (2014) salienta a importância do encontro de olhares no momento da sustentação corporal e durante a amamentação, que resultará em uma busca e na descoberta de ambos, mãe e bebê, para o início do processo de comunicação e subjetivação, fundamental durante, principalmente, o primeiro ano de vida. Podemos observar o sinal de apego entre o bebê e sua mãe na troca de olhares, que, segundo o autor, é um dos primeiros sinais de troca emocional entre pessoas, sinalizando a qualidade dos vínculos que estão se constituindo - uma espécie de primeira carta de apresentação do bebê ao ambiente. Pode ser também um dos primeiros sintomas de evitação relacional.

2) Protoconversações e jogos cara a cara (2 meses)

A protoconversação é a experiência em que o bebê começa a fazer sons com a intenção de se comunicar, e pode aparecer nos jogos face a face,

quando a mãe coloca o bebê perto do rosto e este bebê observa o efeito produzido. O adulto utiliza uma linguagem primária para aproximar-se do bebê e para convidá-lo à linguagem intersubjetiva das relações humanas.

O ritmo já se encontra presente nos dois indicadores, possibilitando a constituição da ritmicidade conjunta entre mãe e bebê, que ocorre durante os cuidados primários.

3) Imitação

A imitação pode ser considerada como uma das primeiras maneiras de figuração de um eu, a partir do espelho do rosto de outro humano. Baseado nos aportes de Winnicott (1967/1975), Guerra (2014) afirma que o rosto materno serve como espelho dos afetos do bebê - ele conhece a si mesmo através do rosto da mãe. A busca do rosto e da companhia humana parece ser um meio de nos proteger do desamparo. A imitação pode significar tocar e alojar o outro dentro de si, introjetá-lo, o que possibilita, posteriormente, a separação do objeto. Nesse momento primordial, a imitação envolve o abrir e fechar dos olhos, da boca ou a movimentação da língua, e aos poucos vai se ampliando e dando lugar aos jogos “como se” (Guerra, 2014).

O autor uruguaio refere que, no cenário do rosto materno e no olhar materno, desfilam os afetos com os personagens desconhecidos do teatro interno do bebê, auxiliando o processo de subjetivação, a construção do self e a regulação dos afetos.

4) Jogos de cócegas e surpresa (3-5 meses)

Segundo Guerra (2014), durante o processo constitutivo do bebê, observamos a importância das atividades que promovem o contato corporal. Os jogos de interação com o outro trazem repetições e surpresas, e tais experiências são precursoras das experiências temporais e da adaptação do bebê mental e corporalmente à surpresa, ao inesperado que irrompe de repente e que seria o prólogo dos jogos futuramente.

Tais experiências, aparentemente simples, envolvem a confiabilidade adquirida nos objetos e no ambiente, que possibilita o prazer da surpresa, da descontinuidade e do encontro com o novo.

À medida que o bebê desenvolve uma maior capacidade de coordenação das mãos, elas se tornam instrumentos privilegiados de observação e exploração.

5) Vocativos atencionais (5-12 meses)

De acordo com Guerra (2014), a atenção é uma atividade fundamental para o desenvolvimento psíquico e a intersubjetividade e pode ser definida como um estado de tensão interior dirigida a um objeto exterior, sem ser interrompido por outros estímulos sensoriais. E de forma co-construída intersubjetivamente carrega emoção e ludicidade. A mãe busca captar e mostrar outros objetos que não ela mesma, auxiliando o processo constitutivo e de separação.

6) Olhar referencial (deslocamento no espaço) (5-8 meses)

A partir do sexto mês, ocorre uma mudança fundamental no desenvolvimento do bebê, com a integração da posição depressiva (Klein, 1935) e uma melhor integração dos aspectos psíquicos. As mudanças acontecem também no plano motor: o bebê pode se sentar, e há uma modificação na sua maneira de interagir e explorar o ambiente à sua volta. É o momento também de mudanças na alimentação e do início do engatinhar. O olhar referencial diz respeito à atitude do bebê de, frente a uma situação desconhecida, buscar o sentido da experiência vivida no rosto do objeto para guiar suas reações. É, portanto, um indicador importante para ver se a mãe ou o pai são usados como referência e vínculo de segurança (Guerra, 2014).

7) Atenção conjunta: objeto tutor (6-9 meses)

Nessa etapa, o universo do bebê se amplia, e ele se encontra mais interessado em outros objetos e na captação de sua intencionalidade lúdica. Entram em cena então o que o autor denomina “objetos tutores” - eles contam a história de sua co-criação e são testemunhos do encontro afetivo. Esse encontro lúdico atribui vida a objetos do cotidiano e possibilita que a criança entre no mundo narrativo e do faz de conta das brincadeiras, que são as bases

da linguagem verbal. Aqui se abre caminho para a percepção de uma relação triádica e uma experiência de tridimensionalidade do espaço.

8) Jogos de esconde-esconde (8 meses)

Segundo Guerra (2014), nesse momento os adultos começam a convocar o bebê para os jogos de esconde-esconde, escondendo o rosto com um pano enquanto o objeto faz que o procure. A brincadeira é acompanhada de uma narrativa rítmica – “Cadê?” e “Achou!”. O momento do encontro é sempre divertido e lúdico, e as risadas têm grande intensidade afetiva. A organização temporal da brincadeira dá segurança para o bebê suportar a angústia da separação e, assim, elaborar de forma lúdica o medo que sente ao perder a mãe de vista.

9) Sintonia afetiva (9-12meses)

No compartilhamento mútuo de um estado emocional, o bebê mostra a intensidade afetiva que experiência com o objeto através de seus gestos e vocalizações, e a mãe o compreende e responde, mas sem imitar suas vias de expressão. O principal, portanto, é que as respostas maternas marcam e espelham o que a criança sente, mas de outra forma, como por meio de uma narrativa. Trata-se de uma experiência de transmodalidade, que contribui para o processo de regulação afetiva da criança (Guerra, 2014).

10) Interludicidade (8-12meses)

Envolve o prazer de estar com e de jogar juntos. A conquista desse indicador expressa uma transformação fundamental no processo constitutivo, pela mudança na relação com os objetos, que passam a ser percebidos como objetos inteiros e que interagem de forma lúdica. As experiências ganham novos sentidos e o mundo se amplia, ocorrendo um incremento na busca pelo encontro com os objetos pelo prazer experimentado na intersubjetividade.

Na ludicidade primária, o corpo está no primeiro plano, como nos jogos musicais e de cosquinhas. Na interludicidade secundária, um processo mais elaborado entra em jogo, relativo a um encontro gratificante inserido no espaço

transicional da cultura. Por diferentes perspectivas, há um avanço psíquico importante nessa fase, como a possibilidade de estabelecer a atenção conjunta, vivida na posição depressiva e na angústia de separação. A criança, portanto, tem apetência por encontrar no outro uma disposição de maleabilidade lúdica que lhe auxilie nos processos de integração da mente e do corpo em sua adaptação à realidade e na elaboração das situações potencialmente angustiantes (Guerra, 2014).

(11) Assinalamento proto-declarativo (12 meses)

Até então, o bebê compartilhava o que atraía a atenção do outro. Nesse momento, ele se torna o protagonista, direciona seu dedo até um evento de interesse e convoca o objeto para compartilhar suas descobertas. É uma evidência da capacidade comunicativa do bebê e precede o surgimento da linguagem verbal, do pensamento e da representação. O gesto é um assinalamento proto-imperativo, que consiste em apontar como forma de obter algo que a criança não consegue alcançar sozinha. O gesto proto-declarativo implica um importante compartilhar intersubjetivo, intensifica a possibilidade do espaço entre o bebê e os objetos e será a base do prazer de compartilhar e pensar juntos. (Guerra, 2014).

Através dos indicadores acima, podemos analisar o processo de constituição do vínculo primário e observar, ao longo das diversas etapas, o processo de subjetivação que ocorre nessa co-construção. Gradativamente, acontece a integração e a continuidade psíquica que se fundamenta no trabalho psíquico do objeto, em sua presença viva e por meio do encontro lúdico.

Como vimos no conto de Clarice, o menino pôde co-construir sua vida psíquica, integrar gradativamente suas experiências corporais, desenvolver sua capacidade de adaptação, de tolerância à frustração e de elaboração de situações potencialmente angustiantes. No encontro confiável e prazeroso, ele é capaz de tolerar a separação do objeto, com a constituição da confiabilidade e a vivência de sua permanência, como descrito nos onze indicadores. O menino pôde co-construir, co-criar, co-pensar e co-transformar sua experiência emocional no encontro com os objetos (Guerra, 2014).

Retomando a idéia de Clarice, de que “mãe é não morrer”, lembramos, a partir de Winnicott (1974), do medo do colapso diante do sofrimento experimentado na fragilidade do ser em constituição, quando o objeto excede a sua ausência e ocorre o colapso. Ele se dá devido à vivência das agonias primitivas que os bebês sentem quando são deixados a sós por muito tempo, sem contato humano, vivências que o autor afirma que só podem ser descritas como: “Ser feito em pedaços/Cair para sempre/Morrer e morrer e morrer/Perder todos vestígios de esperança de renovação de contatos” (Winnicott, 1974, p. 76).

A função sustentadora inicial do objeto primário possibilita construir um ritmo em comum, uma música necessária e fundante para a dança da subjetivação. E essa dança tem como base central a busca de comunicação e a linguagem corporal desses tempos arcaicos e das experiências sensório-motoras no encontro com os objetos que o menino de Clarice parece estar constituindo no encontro rítmico com os objetos.

No momento em que se encontra o menino, sua linguagem verbal se desenvolve alicerçada nos encontros com a mãe. Pois, como afirma o psicanalista Golse (2006), a criança entra na linguagem pela música da voz da mãe, na qual se encontram o som e as sílabas rítmicas que fazem parte das bases universais da música e das palavras - no caso de Pedro e Wagner a construção desse laço ficou prejudicada.

Assim, para que uma criança possa entrar no sistema da linguagem verbal e pré-verbal, é necessário que ela co-construa seu processo de subjetivação com os objetos e possa, assim, constituir a sua subjetividade, reconhecer o objeto como externo e querer se comunicar. A comunicação e o desenvolvimento da capacidade simbólica foram bem apresentados durante o reconhecimento da buzina no conto de Clarice, em que vemos o menino escutar com o corpo todo, mostrando a força das experiências sensoriais e corporais para a apropriação subjetiva, situação essa que evidencia a sensorialidade oferecendo sinais da exterioridade dos objetos. Os ajustes da dança da subjetivação caminham com passos firmes para o menino do conto, indo na direção da constituição do vínculo e da capacidade progressiva de vivenciar os descompassos próprios da gradativa diferenciação e separação

dos objetos. Os passos dessa dança foram evidenciados nos indicadores de intersubjetividade.

Seguimos, agora, com a discussão dos casos clínicos, à luz do conceito de transtorno de subjetivação arcaica.

3.6 - Os transtornos de subjetivação arcaica ou o passo em falso na dança da subjetivação

Consideramos bastante preciso o termo “transtorno de subjetivação arcaica” proposto por Victor Guerra (2018) para caracterizar quadros clínicos semelhantes ao de Pedro e Wagner. Trata-se de uma abordagem psicanalítica que contempla o acolhimento e a inclusão dos pais no trabalho com os vínculos primários e o ambiente subjetivante, podendo conduzir ao reencontro do ritmo de compartilhamento conjunto, acompanhado por palavras, entrelaçado pelo olhar e pelo prazer de brincar juntos.

Ao considerar o processo de subjetivação para pensar os adoecimentos psíquicos, Guerra se diferencia da tendência classificatória atual, geralmente assertiva e centralizada no déficit, o que leva a fechar sentidos e não caminhar na direção de uma prevenção e sim de uma predição, prejudicando, desse modo, sobremaneira o relacionamento com os objetos e ambiente primários.

Além disso, essas classificações não refletem o mal estar, o sofrimento e os sintomas do sujeito diante das contingências da vida, como bem elucidada Winnicott (1957/1982 p.142):

(...) Desse fato — que a vida é inerentemente difícil e que nenhuma criança pode evitar a revelação das provas de suas dificuldades — se segue que em todas as crianças haverá sintomas, cada um dos quais, em determinadas condições, poderá ser um sintoma de doença. Mesmo o mais carinhoso e compreensivo ambiente de vida familiar não pode alterar o fato de que o desenvolvimento humano é árduo.

Para Guerra (2018), um sintoma infantil apresenta pelo menos três planos polissêmicos que se entrelaçam: os aspectos constitucionais do sujeito e seu mundo intrapsíquico; as relações com os objetos primários e com o ambiente subjetivante; a cultura em que a criança e seus pais estão inseridos e que os transcende. Dessa forma, o aumento de adoecimentos relacionados à

agitação motora, ao retraimento relacional e o aumento de crianças com suspeita do espectro autista podem ser entendidos numa perspectiva polifatorial e relacionados também a fatores ambientais.

Em consonância com o autor, pensamos que os quadros clínicos de agitação motora e retraimento relacional, presentes nos pacientes aqui em foco, precisam ser analisados considerando-se as vicissitudes do processo de subjetivação. Como vimos ao longo desse estudo, a co-construção com os objetos primários, em sua presença-ausência, é fundadora dos alicerces e bases do psiquismo. Na dança da subjetivação, os passos dos objetos e do sujeito ocorrem nos ajustes das mímicas, posturas e dos gestos, uma comunicação através da linguagem do corpo, da sensorialidade e do ritmo. Sendo assim, podemos pensar, a partir de Guerra (2018), que, para a constituição gradativa da organização e coordenação dos fluxos sensoriais, é necessário o encontro rítmico, atencional e a narratividade com os objetos primários, de modo que as experiências e o *self* possam ser integrados. Aqui podemos fazer uma aproximação com a apresentação do mundo em pequenas doses dos quais nos fala Winnicott (1949/1971), que é essencial para o processo de integração.

Porém, a maneira “acelerada” como, na sociedade atual, os vínculos se constituem e a parentalidade é vivida pelas famílias, acaba por produzir impactos que influenciam a constituição da subjetividade e podem gerar sintomas de descontinuidade, retraimento relacional e agitação motora, como vimos nos casos clínicos apresentados e nos muitos casos semelhantes que chegam a nossa clínica.

(...) Poderíamos perceber essa forma de “aceleração” também em uma espécie de exigência que recai sobre os pais na atualidade, a de buscar uma estimulação rápida e eficaz para a criança. O bebê deveria ser autônomo precocemente e dar mostras de um “desenvolvimento ótimo de suas potencialidades”, especialmente cognitivas. Dessa maneira, os pais se sentem pressionados a contatar-se com uma imagem de seu bebê autônomo, e dessa maneira evitariam as situações de dependência, produzindo assim uma “separação precoce” (Guerra, 2018, p.172).

Dessa forma, o bebê pode vivenciar uma descontinuidade nos vínculos precoces que precisariam ainda oferecer uma continuidade e previsibilidade

para o desenvolvimento de uma ritmicidade conjunta entre os objetos primários e o sujeito nascente. Esses fatores podem contribuir para uma separação anterior ao encontro e permanência do objeto e, dessa forma, ocasionar traumas precoces por exceder a capacidade do bebê em lidar com a ausência.

De acordo com Guerra (2018 p.182), os fatores podem envolver depressão materna, tendências constitucionais com presença de sensibilidade sensorial da parte do bebê, que, ao evitar o contato, pode intensificar os sintomas de depressão materna pelo desencontro e disritmia que se instalam.

Nessa perspectiva, Guerra (2016), assinala que a utilização do termo transtorno não se refere a uma visão psiquiátrica classificatória, mas sim ao sentido dado pela psicanalista Bleichmar (1988)³⁶, que estabelece uma diferença entre sintoma e transtorno. Em sua visão, sintoma é uma formação de compromisso que se produz de forma intrapsíquica, não direcional e dirigida para outro (podendo ter apenas como ganho secundário uma direcionalidade). Já o transtorno ocorre no interior das relações primordiais com os objetos, nos momentos iniciais da constituição psíquica, como um marco da intersubjetividade.

Para Guerra (2016), o termo transtorno corresponde aos percalços na constituição psíquica a partir do desencontro com o outro que não pôde realizar as funções necessárias e essenciais constitutivas para a integração, a continuidade de ser e o estabelecimento de um vínculo de confiabilidade primária. Nessa situação de disritmia, a sustentação, a atenção e a narratividade conjunta não se constituem, ocasionando sofrimento, situações traumáticas e, muitas vezes, agonias primitivas. Portanto, a função do objeto primário é sustentar, integrar o corpo e o psiquismo nascente através do ritmo, da atenção e da narratividade construída conjuntamente. Influenciado por Winnicott (1988/1990), o autor acredita que as funções de sustentação, personalização e apresentação dos objetos são essenciais, organizam e constituem o eu e o *self* (Guerra, 2014, 2018)³⁷.

³⁶ Psicanalista argentina, Silvia Bleichmar (1944-2007) fez doutorado com Jean Laplanche na Universidade de Paris VII.

³⁷ Victor Guerra (2018) *Rythme et Intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse: Editions Éres.

No transtorno de subjetivação arcaica, como descreve Guerra (2015, 2018), podemos encontrar os seguintes aspectos:

- Ausência de vários indicadores importantes de intersubjetividade;
- Evitamento relacional e graus de indiferença objetal;
- Escasso contato emocional (ausência de angústia de separação);
- Angústias arcaicas de descontinuidade;
- Defesas primárias de tipo sensorial;
- Busca de um objeto estimulador (sensações fortes, hipersensibilidade sensorial);
- Bidimensionalidade e autorritmicidade (disritmia);
- Busca de segurança e confirmação identitária na "continuidade sensorial bidimensional" (identificação adesiva);
- Dificuldade de integração da impulsividade (caos no comportamento);
- Relativa ausência de iniciativas lúdicas;
- Precária organização da linguagem;
- Ausência de curiosidade epistemofílica (tridimensionalidade);
- Ausência de acesso à capacidade de estar e brincar só;
- Ausência de acesso à terceiridade.

Neste estudo, nos detemos apenas nos aspectos presentes nos casos clínicos apresentados, buscando compreender os adoecimentos psíquicos como um processo situado na interface das interações precoces do sujeito com o objeto e o ambiente primário, que são estruturantes para a constituição de um vínculo de confiabilidade.

Na dança da subjetivação, como vimos, o bebê e os objetos primários co-constroem os passos de uma autêntica coreografia. O bebê é, para Guerra (2014), um excelente observador do estilo interativo dos objetos, e vai se tornar um hábil leitor do "clima emocional", captando as variações do rosto, da voz dos objetos e descobrindo como modular e manter um vínculo interativo. O

bebê descobre, portanto, progressivamente como iniciar, manter, terminar e evitar as interações na co-construção do laço com o objeto.

É nesta dança que o sujeito nascente e o objeto primário vão constituindo e ajustando os passos cada vez mais complexos dessa coreografia, tão essenciais para a auto-regulação dos estados afetivos. O bebê, ao enviar sinais de comunicação, espera ser recebido e compreendido; ou seja, emitir e receber são importantes moduladores na constituição dos vínculos interativos e afetivos, para que, assim, o sujeito possa entrar na linguagem e acreditar que, através desse diálogo pré-verbal, pode encontrar ressonância emocional com o objeto primordial. Os ajustes fazem parte desse processo de modulação, desde que não excedam a capacidade de tolerância para a ausência do objeto por parte do bebê, que, assim, pode contar com o acolhimento e as funções de cuidado para traduzir, nomear e espelhar, construindo uma ritmicidade conjunta (Guerra, 2015).

Winnicott (1988/1990) contribui para pensarmos na importância dos cuidados primários e do *holding* para o processo de integração e constituição do sujeito, e assinala que podem ocorrer percalços que se produzem por falta ou por excesso, que podem ser vividos como intrusivos e invasivos, com prejuízo à subjetivação e geradores de sintomas.

Em consonância, Guerra (2016), ressalta que os mecanismos defensivos decorrentes dos momentos de desarmonia e de disritmia vividos nas interações precoces e na construção do laço com os objetos podem se concretizar em sintomas de evitação relacional e/ou depressiva, presentes em Pedro e Wagner. Os percalços ocorridos nos primórdios da constituição psíquica de ambos se relacionam às dificuldades na constituição, diferenciação e separação dos objetos, que parecem ter sido muito traumáticas. Os canais sensoriais auxiliam no processo de descoberta do sujeito e do objeto, mas necessitam ser modulados no encontro intersubjetivo.

No caso de Pedro, um problema constitutivo nos ouvidos produzia dor e o fazia experimentar muito sofrimento, expresso no choro intenso que não foi compreendido e traduzido pela mãe, que viveu um desamparo e desajuste com seu bebê. O passo em falso dessa dança intensificou o desencontro vivido por eles: Pedro e sua mãe entraram em sofrimento, o que levou a um entrave na construção dos vínculos primários. Desta forma, Pedro não pôde ser recebido e

compreendido e quase desistiu de se comunicar com o mundo, encerrando-se em si mesmo, enquanto a mãe não encontrou um bebê que pudesse convocá-la a exercer funções de cuidado, afastando-se do filho, que ficou aos cuidados de várias babás ou distraído no celular.

Antes disso, como vimos, outro desencontro já se fizera presente - o parto foi antecipado e fugiu do programado. Esse descompasso entre o bebê esperado pelos pais e os tempos e ritmos do bebê real esteve presente durante toda a história de Pedro, contribuindo para a instalação dos sintomas defensivos de retraimento emocional e agitação motora. Assim, ainda em um momento constitutivo e com necessidade de continuidade e de constituição de um ritmo comum, Pedro viveu uma situação que excedeu a sua capacidade de tolerar a ausência, uma vez que o bebê precisa do encontro com o objeto em sua presença viva, para que possa vivenciar o prazer compartilhado.

Como vimos no capítulo dos indicadores de intersubjetividade, o acesso à intersubjetividade se dá no encontro com os objetos primários. Podem e ocorrem entraves nesse caminho constitutivo e no processo de subjetivação. Pedro apresentou atrasos de fala, evitamento relacional (não respondia quando falavam com ele, não brincava com os amigos na escola e, ao não se fazer entender, mordida ou batia), apresentava angústias de descontinuidade que se expressavam na agitação e na impulsividade e inicialmente não apresentava iniciativas lúdicas, não parecia saber brincar e seu tempo de atenção disponível para o mundo era bastante curto; nas sessões, no início, permanecia no máximo por dez minutos...

Pedro experimentou uma disritmia primária com percalços na instauração do seu processo de subjetivação e simbolização primária. Como afirma Roussillon (2012)³⁸, a simbolização primária ocorre na presença do objeto e no momento anterior à linguagem verbal. É somente no interior do vínculo primário com o objeto que esse processo pode se dar.

Wagner também apresentava percalços nos encontros intersubjetivos primários. Logo que nasceu, encontrou uma mãe ausente, em razão do quadro depressivo, impossibilitada de exercer as funções maternas tão fundamentais para a co-construção do vínculo primário durante o primeiro ano de vida. O

³⁸ R. Roussillon (2012) Manual da Prática clínica em psicologia e psicopatologia. São Paulo: Ed. Blucher

sofrimento de Ana já ocorreu desde a gestação difícil e o medo da morte no parto. Somavam-se, ainda, as questões transgeracionais que traziam a morte e a constante ameaça de ruptura do vínculo afetivo, e a ausência do pai, que não participou de sua vida de forma regular. Tudo isso gerou angústias arcaicas de descontinuidade (Guerra, 2015), com Wagner apresentando sintomas como evitação relacional, dificuldades de fala, agitação excessiva, retraimento em algumas situações, além de não saber brincar. Essa dificuldade de integrar a impulsividade e o caos do comportamento sinalizam que se tratava de um transtorno de subjetivação arcaica (Guerra, 2015/ 2018).

Como vimos, o transtorno de subjetivação arcaica ocorre quando há evitação relacional, com graus variados de indiferença objetal, angústias arcaicas, dificuldade de integração da impulsividade e precária organização da linguagem.

Com base na teoria de Winnicott, Guerra (2018)³⁹ afirma que, nesses casos de agitação motora, a criança tem dificuldades com o sentimento de existir, não conseguindo manter uma sensação de continuidade da existência, apresentando dificuldades de estruturação psíquica dos tempos arcaicos. São situações em que há uma substituição da dependência necessária do objeto materno pela atividade e pelo movimento excessivo e desorganizante. A impulsividade é marcada por pouca tolerância à espera e à frustração, por não ocorrer uma vivência de segurança e continuidade internas. Essa situação era evidenciada no desespero de Wagner em entrar na sala de terapia atropelando o que estivesse na frente, forçando a maçaneta e batendo na porta. Ao chegar, precisava avaliar se algo havia se alterado ou havia sido danificado - seu sofrimento estava relacionado ao medo da descontinuidade às perdas já vividas.

Os encontros intersubjetivos primários são determinantes para o processo de subjetivação, nos processos de atenção e na auto-regulação motora, como aponta Golse (2013). No caso de Wagner, entre as diversas causas de interrupção dos processos de saúde e do processo de subjetivação, encontravam-se a dificuldade de ajustamento entre o bebê Wagner e seu ambiente, agravada pelo sofrimento e desamparo maternos. A falta de afinação

³⁹ Victor Guerra (2018) *Rythme et Intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse: Editions Éres

e de sintonia afetiva entre a dupla parece ter contribuído muito para o atraso na fala, para a dificuldade de auto-regulação motora e de contato com os objetos.

Em seu trabalho sobre hiperatividade e déficit de atenção, Guerra (2012)⁴⁰ conclui que, no plano emocional, os lutos não resolvidos da mãe ou da família podem fazer com que o filho continue sendo o objeto de completude materna. Pode ocorrer também certa anulação da figura paterna, não havendo interdição que opere entre mãe e filho, deixando as relações confusas pela falta de investimento afetivo e pelo excesso posterior que aprisiona e produz agitação, como no caso de Wagner. Através do excesso de atividade motora e da falsa vitalidade, ele parecia constituir uma defesa e distanciar os sintomas depressivos e/ou de morte, tão presentes e repetidos em sua história de vida.

Para a compreensão desses casos de agitação motora, também podemos pensar no conceito proposto por Guerra (2012) de falso *self* motriz. Para o autor, parece que atualmente qualquer inquietação ou agitação motora já é diagnosticado como hiperatividade ou déficit de atenção sem uma avaliação mais aprofundada. E Guerra afirma:

(...) “Muitas vezes, ao “abrir” as histórias familiares, encontramos-nos com lutos não elaborados, perdas que ganharam um valor traumático, momentos de ruptura da estrutura familiar (às vezes transgeracional), que trazem como consequência um especial valor atribuído a esse filho e aos sinais de vitalidade que possa desenvolver” (Guerra, 2012, p.160)

Afirma ainda, que em algumas situações a agitação e a movimentação incessante afugentam os sentimentos depressivos dos objetos primários, e destaca que podemos pensar que a hiperatividade poderia ser um equivalente depressivo tanto no objeto como na criança.

Guerra traz uma importante contribuição quando afirma que muitas vezes a hiperatividade e o déficit de atenção podem ser um “déficit de atenção afetiva precoce”

Desta forma, Guerra (2012), enfatiza a importância de pensarmos no papel dos objetos, uma vez que esses comportamentos se desencadeiam muitas vezes na presença e pode estar endereçado aos objetos primordiais.

⁴⁰ Victor Guerra (2012) Hiperatividade e Déficit de atenção no funcionamento psíquico da criança: O falso *self* motor. *Psicanálise* v.14 n1, p. 153-178

Em muitos casos trata-se do que não podem falar e quem “fala” é o corpo através do movimento.

Segundo o autor, em muitos casos encontramos uma intensa angústia de separação, e apoiado em Winnicott, refere que se tratam em sua maioria de crianças que tem dificuldades no sentimento de existir, no sentimento de continuidade existencial, e observamos entraves na estruturação psíquica e no desenvolvimento emocional primitivo (Winnicott, 1945/2000).

São crianças que muitas vezes segundo Guerra, apresentam prevalência dos aspectos arcaicos em sua conflitiva edípica, podendo apresentar:

(...) “substituição da dependência normal do objeto eterno pela atividade e pelo movimento excessivo e desorganizante, precoce autonomia e independência, escassos pedidos de contato afetivo, ausência de angústia de separação, ausência de experiências de relaxamento e sossego (não toleram a sensação de vazio), impulsividade marcada por pouca tolerância à espera e à frustração, transtornos do sono, pobreza no jogo simbólico, dificuldades de atender a uma tarefa e de realizar um processo no qual esteja envolvida a continuidade, uso do outro mais para contenção de descarga motora.” (Guerra, 2012, p.163)

E, Guerra a partir disso propõe o conceito de falso *self* motriz, refletindo sobre o papel e importância da estruturação psíquica. E parafraseando Winnicott, que afirma no seu conceito de falso *self* que a criança transforma o intelecto em um substituto do cuidado materno, Guerra propõe pensarmos em muitos desses casos como um recurso semelhante dessas crianças que para cuidarem de si mesmas movendo-se demais. E o autor se pergunta:

(...) “Porque não pensar que, em vez do intelecto, sejam a atividade motora, o deslocamento e o apodreço do espaço e dos objetos o que ofereça a função de segurança e cuidado do *self*?” (Guerra, 2012, p.165)

A questão que se coloca atualmente, portanto, para a clínica diz respeito então a como os sintomas nas interações, na comunicação e no brincar são compreendidos e tratados. Temos visto uma tendência à medicalização da infância, ou seja, a uma visão dos acontecimentos internos e externos pelo viés exclusivamente da doença, centrada em aspectos estritamente orgânicos e

funcionais, desconsiderando os contextos familiares e sociais, o que dificulta transformações dos estados iniciais apresentados pelas crianças a partir de interações mais favoráveis ao desenvolvimento.

Destacando a multicausalidade desses quadros, que muitas vezes se encontram nas bordas e ainda sem definição, Guerra (2018, p.166) acrescenta a necessidade de “interrogar e questionar a eficácia” desses diagnósticos, que muitas vezes não consideram as dificuldades intersubjetivas e os fatores constitutivos.

A clínica psicanalítica oferece outra direção para a compreensão desses sintomas, porque a escuta é feita a partir da singularidade e história de vida de cada criança, como um sujeito em processo de constituição. Estamos falando de uma concepção de saúde mais abrangente e dinâmica e que amplia o raciocínio clínico, incluindo os vínculos, as relações com o ambiente familiar e com a cultura.

Assim, na perspectiva da psicanálise, um primeiro ponto a destacar é que a sintomatologia apresentada pela criança pode ser decorrente tanto de falhas constitutivas, como ambientais, ou ainda por falhas constitutivo-ambientais. Isso porque a visão de adoecimento própria da escuta psicanalítica aposta na busca de sentido e no entrelaçamento somato-psíquico. Além de muitas vezes efêmeros, sintomas infantis podem significar uma forma de comunicação de uma dor psíquica que busca ser compreendida; por isso, não devemos aprisionar o sujeito em uma psicopatologia.

Segundo Winnicott (1967/1989), o adoecimento é uma tentativa de continuar a vida após o colapso das defesas; ou seja, muitas vezes, podemos classificar o adoecimento como um colapso ambiental, com falhas nas funções do objeto primário e do ambiente.

Trata-se, portanto, de um pensamento clínico que está em consonância com o trabalho realizado nesta pesquisa, em que as fronteiras entre o psiquismo nascente e o objeto são tênues, as funções psíquicas estão em constituição e se entrelaçam e interferem mutuamente.

No caso de Pedro e Wagner, com o acolhimento e a inclusão dos pais no trabalho clínico, e as conversas com a escola para um trabalho conjunto, foi possível recriar os encontros familiares, reapresentar a criança para que esta

pudesse encontrar outros olhares, construir outras narrativas, conduzindo assim, ao reencontro de compartilhamento conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorremos nesse estudo um caminho teórico-clínico dentro da proposta de Guerra (2015) e de seus interlocutores no campo psicanalítico, com ideias em trânsito e em movimento constante. Trabalhamos com a metáfora da dança da subjetivação e do passo em falso que pode ocorrer na coreografia co-construída entre o sujeito nascente e objetos primários. Analisamos dois casos clínicos, que, conforme vimos encontraram percalços nesses tempos arcaicos e experimentaram percalços nesses tempos arcaicos e experimentaram desajustes no encontro com o outro, que ocasionou entraves, traumas e adoecimentos.

Através do conto de Clarice Lispector (1971), analisamos o processo de subjetivação dialogando com os indicadores de intersubjetividade de Guerra (2014). Evidenciamos assim, como se dá a construção do laço com os objetos, nessa co-construção assimétrica, na qual os "passos" dos objetos e os "passos" do sujeito nascente irão compor e tecer as tramas da arteficialidade da subjetivação e da entrada no mundo humano.

Guerra (2015), a partir de seu diálogo principalmente com Winnicott e Roussillon, enfatiza que o sujeito humano somente pode se constituir por meio da mediação de outro sujeito. Portanto, a constituição psíquica do bebê é um lento processo e ocorre no interior dessa relação, sendo fundamental a experiência de prazer estético (sensorial e rítmico), de compartilhamento de emoções, de constituição da confiabilidade, o que permite a abertura para o mundo, como vimos no menino do conto. A comunicação pré-linguística, em razão da falta de palavras, exige um esforço psíquico extra dos objetos, pelo fato de o bebê "falar" com o corpo e requisitar tradução e um ajuste constante. O ponto central é a qualidade dos cuidados precoces para que o objeto possa ser capaz de se apresentar sem ser intrusivo, sendo possível passar da indiferenciação com momentos fugazes de discriminação para uma diferenciação progressiva e posterior separação, no ritmo do bebê, respeitando

sua capacidade de lidar com a frustração, de modo que não entre em agonias primitivas, descritas por Winnicott (1964/1987 p.76)

Nessa perspectiva, qualquer teoria sobre adoecimentos precisa incluir também a função anti-traumática dos objetos, como vimos na lei materna ou lei do encontro de Guerra (2015).

Nos casos de Pedro e Wagner, vimos como se deu o surgimento de sintomas de retraimento relacional e agitação motora, identificando o quadro de transtorno de subjetivação arcaica, proposto por Guerra (2015/2018), considerando então mecanismos defensivos decorrentes dos momentos de disritmia, do passo em falso, em que se articulam aspectos constitucionais e dificuldade de contato com o ambiente parental. E, conforme abordado no capítulo anterior, esses sintomas podem favorecer o excesso e a precocidade de diagnósticos muitas vezes normalizadores.

Tendo como referência os autores com quem dialogamos neste estudo, com destaque para Victor guerra, pensamos que a abordagem psicanalítica propõe outra escuta para o passo em falso da dança da subjetivação, nos conduzindo à busca de comunicação e à constituição de um vínculo lúdico com os objetos, de modo a favorecer a subjetivação e a construção de fundações e alicerces para as relações de objeto e, posteriormente com a realidade.

Como vimos em Roussillon (2010), as experiências subjetivas arcaicas são vividas fora do tempo cronológico, e tendem a não ter começo e nem fim se forem desprazerosas. Mas, sendo prazerosas, tendem a se inscrever como formas rítmicas elementares, participando de uma organização da temporalidade rudimentar que poderá, com o tempo, ser apropriada.

A sintonia afetiva, bem marcada nos indicadores de intersubjetividade de Guerra (2014), direciona a atenção para o interno, para a qualidade do sentimento compartilhado, contribuindo para a constituição do sujeito e do objeto. A experiência da intersubjetividade proporciona o sentimento de estar sendo acompanhado e do encontro e ressonância emocional com o objeto.

Ferenczi (1927/1992), em seu texto sobre o mau acolhimento da criança pelo ambiente primário, afirma que essa situação pode disparar a tentação de morrer, como salientamos no caso Pedro. A falta de investimento emocional cria o vazio, a falta de esperança, dificultando sobremaneira a dança do encontro com o outro. Portanto, o convite à vida por parte dos objetos primários

é fundamental para o acolhimento e constituição do vínculo primário, como também na modulação do ritmo de operação das pulsões de vida e de morte possibilitando ligações e desligamentos.

O processo de subjetivação implica a descoberta do prazer, da alegria, do interesse, da curiosidade, do júbilo, do susto, do medo, da surpresa, dos momentos tranquilos, dos momentos de aflição. São experiências vividas com os objetos que constituirão as bases da afetividade, do mundo interno, da capacidade de estabelecer vínculos, relações de amizade e amorosas.

Os ajustes dos passos entre sujeito e objeto são muito sensíveis e exigem a atenção e empatia por parte do objeto, e o jogo é uma das características da constituição dos vínculos arcaicos conforme vimos nos indicadores de intersubjetividade de Guerra (2014). Roussillon (1995) também afirma que o jogo pode auxiliar na apropriação subjetiva da própria experiência. Os jogos estão geralmente ligados à presença e ausência, um dos eixos centrais da constituição subjetiva. Vimos que, através dos jogos e da experiência do prazer compartilhado, ocorrem a internalização do objeto primário, a constituição do mundo interno e dos recursos simbólicos, tornando possível que a separação não seja vista como perigosa ou ameaçadora, como no caso de Pedro e Wagner.

De fato, para existir a separação é preciso primeiro que o objeto possa ser ter sido encontrado. O jogo contempla as repetições, as mudanças e alterações que podem criar a surpresa e o júbilo apenas se houver uma base de confiabilidade com os objetos.

Guerra (2015) contribuí com essa ideia, afirmando que o ritmo articula e funciona como um ajuste, uma dança, intercalando os momentos de união-separação, presença-ausência, continuidade-descontinuidade, como forma de aliviar as angústias da descontinuidade, marcar o prazer do encontro com o objeto, tolerar sua eventual ausência e antecipar seu retorno, ajudando, com isso, a construir uma organização e continuidade psíquica.

A partir dos autores que estudamos, pensamos que o processo de subjetivação se dá, portanto, como uma dança ou como um diálogo musical com margem para improvisação. Essa metáfora nos parece oportuna por expressar o processo singular que envolve, no espaço e no tempo, dois sujeitos que buscam se ajustar na artesanaria da subjetivação.

Os ajustes nos passos dessa dança devem estar presentes também na experiência clínica, como vimos com Pedro e Wagner, contribuindo para diminuir as rupturas e instalação gradativa da confiabilidade.

Sob essa ótica, Winnicott (1967/1989), traz uma contribuição importante acerca do processo de amadurecimento emocional do ser humano, destacando que precisamos conhecer as tensões inexoráveis da vida e as formas e mecanismos de defesa para lidar com elas - a saúde, portanto, não exclui alguma turbulência, e o adoecimento é uma tentativa de continuar a vida após o colapso das defesas.

Finalizamos este estudo compartilhando a crônica do escritor Eduardo Galeano (2002, p.12), intitulada “A função da arte,” que ilustra muito bem o aspecto fundamental enfatizado na dança da subjetivação entre sujeito e objetos.

(...) Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai

— Me ajuda a olhar!

O filho está diante de algo que não conhece e que se revelará no caminho que trilham juntos o menino e o pai. O que estava escondido se revela em seu esplendor, e o menino, perplexo, busca compartilhar o prazer da experiência. O prazer compartilhado é um dos pontos fundamentais enfatizados por Guerra. E como afirma Rosa em nossa epígrafe, se vivemos para nos "desiludirmos e nos desmisturarmos", é apenas no encontro com o outro que esse processo pode se dar. Assim, os ajustes necessários entre os passos do sujeito e do objeto nessa dança co-construída podem caminhar do encontro de olhares ao prazer de brincar juntos.

Lembrando mais uma vez de Guimarães Rosa, para quem a “natureza da gente não cabe em nenhuma certeza” (1986, p.315), deixamos aqui várias questões em aberto, para seguirmos levantando questões e dúvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abram, J. **A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott.** Rio de Janeiro, Revinter. Tradução: Marcelo Del Grande da Silva, 2000
ISBN: 9788573093735

Alvarez, A. **Companhia Viva. Psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, desamparadas e que sofreram abuso.** 1ª Ed. São Paulo, Editora Blucher. (1992/2020), 394 p.
ISBN: 9788521218678

_____ (2021) **“Futuro perfeito: algumas reflexões sobre o senso de antecipação em crianças comuns e no trabalho psicanalítico”** In: Conferência de abertura proferida em 06/03/2021 **Cinapsia** da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Profa Anne Alvarez da Clínica Tavistock de Londres.

Aragão, O.R. **Presença/Ausência materna e os processos de subjetivação.** 2016, 135 f. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

Aragão, O.R.; Zornig, S. **A. Continuidade e Descontinuidade no processo de subjetivação do bebê.** São Paulo: Editora Escuta-Pulsional, 1ª edição, 236 p. (15 abril 2018).
ISBN: 9788571374287

Anzieu, D. **O Eu-Pele.** Trad. Zakie Yazigi Rizkallah; Rosaly Mafuz. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1989, 286 p.
ISBN: 9788585141115

Balint, M. **A falha básica São Paulo: aspetor terapêuticos da regressão.** Porto Alegre: Editora Zagodoni. 2014, 192 p.
ISBN:978-8564250635

Bekes, A. **Lo intraducible: Ensayos sobre poesía y traducción.** Valencia: Editorial Pre-textos . 1ª Edição. Ebook. 2010, 384 p.
ISBN:9788492913596

Borges, J.L. **Esse ofício do verso.** Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras.1ª Edição, 2000, 160 p.
ISBN: 978-8535900712

Borges, J.L., Kodama, M. **Atlas.** Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras.Lançamento: 30/09/2010; 2010, 144 p.

Boubli, M. **Controvérsias en Psicoanálisis de Niños y Adolescents.** Comité Editor (17): 2015.

Brun, A. **Médiation picturale et psychose infantile**. In: Le Carnet PSY 2010/2 (nº 142), p.23 à 26

Bleichmar, S. Diagnóstico: Uma perspectiva metapsicológica. **Jornada de Psicoanálisis de Niños de la Asociación escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados**, 1988.

Cabanellas, I.; Eslava, J.J.; Eslava, C.; Polônio, R. Ritmos Infantis: Tecidos de uma paisagem interior - São Paulo- Editores Pedro & João, 2005

Cavalcanti, A.E.; Rocha P.S. **Autismo-Construções e Desconstruções**. São Paulo, Ed. Casa do Psicólogo. 2002,186 p.
ISBN: 9788573965537

Dias, E. O. **A teoria do Amadurecimento de D.W.Winnicott** - São Paulo. Editora DWW., 2014, 345 p.
ISBN: 9788562487255

Diaz Rossello, Guerra, V., Rodriguez, C., Stauch, M. y Bernard, R. **La madre y su bebê: primeras interacciones**. Ed. Roca Viva, 1991, 153 p.

Ferenczi, S. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: **Obras completas, Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, (1929/1992) p. 47-52.

Ferro, A. **A técnica na psicanálise infantil**. Rio de Janeiro. Editora Imago1995. p.288,
ISBN: 978-8531204074

Figueiredo, L.C. A tradição ferencziana de Winnicott: apontamentos sobre regressão e regressão terapêutica . **Revista Brasileira de Psicanálise**, 36(4), 909-927, 2002.

_____A situação analisante e a clínica contemporânea. **Cuidado, saúde e cultura**. São Paulo: Editora Escuta.p.105-124., 2014.
ISBN: 9788571373525

_____ As escutas da psicanálise. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=U87JX4D7gZ4> Acesso em 18/05/2021., 2013.

_____ **A Psicanálise – caminhos no mundo em transformação**. São Paulo: Editora Blucher, 2018, 160 p.
ISBN: 9788571374256

Figueiredo, L.C. e Minerbo M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, 39(70), junho de 2006, p. 257-278. 2006.

Figueiredo, L.C.; Junqueira, C. **Atendimento Psicanalítico de Pacientes-Limite**. 1. ed. São Paulo: Zagodoni. v. 1. 140p ., 2016.
ISBN: 9788555240249

Figueiredo, L.C.; Coelho Junior, N.E.; **Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise**. São Paulo: Editora Blucher. 2018, 304 p.
ISBN: 9788521212669

Fontes, I., Roxo M., Soares, M.C., Kislanov, S.(2014) - **Virando Gente- A história do nascimento psíquico**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2014, 71 p.
ISBN: 978-8565893589

Fontes, I. , Kemper, C. , Rase, F. , Tomé, G. , Puppim, M. **Autismo - Do que se trata?** Rio de Janeiro: Editora Autobiografia, 2018, 72 p.
ISBN: 9788551813577

Fontes, I. **A Psicanálise do Sensível - Fundamentos e Clínica**. São Paulo: Editora Idéias e Letras, 2013, 148 p.
ISBN: 9788576980728

_____ **A descoberta de si mesmo – na visão da Psicanálise do Sensível**. São Paulo: Editora Idéias e Letras, 2017, 128 p.
ISBN 9788555800252

Fulgêncio, L. **Por quê Winnicott?** São Paulo: Editora Zagodoni, 2016. 208 p.
ISBN: 9788555240119

Freud, S. **Obras Completas Volume 17: Inibição, Sintoma E Angustia, O Futuro de Uma Ilusão e Outros Textos (1926-1929)** - São Paulo- Editora Companhia das Letras, 2014, 398 p.

Golse, B. **Do corpo ao pensamento**. Editora Climepsi – Lisboa – Portugal, 1999, 288 p.
ISBN: 9789728449889

_____ **L' être-bébé**. Paris, Presses Universitaires de France, 2006, 352 p.
ISBN: 978213055296-3

_____ **Sobre a psicoterapia pais-bebê: narrativa, filiação e transmissão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013, 165 p.
ISBN: 9788573962239

Guerra, V. hiperatividade e déficit de atenção no funcionamento psíquico da criança: O falso self motor. **Revista da Sociedade de Psicanálise** de Porto Alegre, 2012, (14) p. 153-178

_____ Palavra, ritmo e jogo: fios que dançam no processo de simbolização. In: **Revista de Psicanálise** da Sociedade de Psicanalítica de Porto Alegre, 2013, v.20, nº 3, p.583-604

_____ Indicadores de Intersubjetividade 0 a 12 meses: Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos (Parte I). **Revista Brasileira de Psicanálise** de Porto Alegre, 2014, 16(1), 209-235.

_____ Indicadores de Intersubjetividade 0 a 12 meses; Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos (Parte II). **Revista Brasileira de Psicanálise** de Porto Alegre, 2014, 16 (2) p. 411-435.

_____ Habia una vez Manoel y Victor: Diálogos sobre vocês de infância. Apresentação na **Jornada da Associação Psicanalítica do Uruguai - APU** de 2014

_____ El ritmo y la ley materna en la subjetivación y en la clinica infantil. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis**, 2015 (120), p. 133-152

_____ Formas de (des) subjetivação infantil em tempos de aceleração: os transtornos de subjetivação arcaica. In: **Revista de Psicanálise** da Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre, 2016, 23 (1) p. 137-158

_____ P de Poesia y de Primavera In: Lacerda, Eloísa T. **A Clínica da Constituição do Laço: corpo-linguagem-psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2017, p. 5-7.
ISBN: 978-8571374188

_____ Simbolização e objetos na vida psíquica: os objetos tutores. **Jornal de Psicanálise**, 2017, 50 (92), 267-286.

_____ O ritmo na vida psíquica: diálogos entre psicanálise e arte. **Revista Ide** (40) p. 31-54 dezembro de 2017.

_____ **Rythme et intersubjectivité chez bébé**. Editora Érès- Toulouse-France, Collection La vie de l'enfant , 2018, 224 p.

_____ “Formas de (de)subjetivação infantil em tempos de aceleração: os transtornos da subjetivação arcaica” In: Regina O. de Aragão e Silvia Zornig (orgs.). **Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê**. São Paulo: Escuta, 2018, pp.187-188.

Gullar, Ferreira. **Muitas vozes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 9ª edição, 1999, 144 p.
ISBN: 9788503011631

Haag, G. Yo corporal y formacion de la pantalla de los sueños. Buenos Aires, Argentina. **Revista Psicanálise ano XXIII** nº 254 junio de 1998, pp. 28-32

_____. O teatro das mãos. In: **Revista Brasileira da Sociedade Psicanalítica** de Porto Alegre, vol. X, n. 1, p. 9-27, Porto Alegre, abril 2003.

_____. **Le Moi corporel. Autisme et développement.** France: Ed. PUF, 2018, 528 p.
ISBN: 9782130800880

Konicheckis, A. "Subjetivação e sensorialidade: os embriões do sentido". In: **Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê**. São Paulo: Escuta, 2018, pp.75-94.

Kovadloff, S. **El silencio primordial** - Buenos Aires: Em ecé Editores, 2009, 208 p.
ISBN: 9789500431767

Klein, M. Uma contribuição a psicogênese dos estados maníaco depressivos. **Obras Completas.** São Paulo: Editora Imago, 1935, v.I, p.301-329.

Lebovici, S. La relation objectale chez l'enfant. (The object relationship in children) **La Psychiatrie de l' enfant**, 8 (1), 1960, p. 147-226.

Levy, R. Do símbolo à simbolização: uma revisão da teoria e as repercussões sobre a técnica psicanalítica. **Revista Brasileira da Sociedade Psicanalítica** de Porto Alegre, 2001.

Lispector, C. O menino a bico de pena In: **Felicidade Clandestina**, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1971, p. 150-154

Mango, G.E. Un muet dans la langue, Editora Gallimard, France, 2009, 272 p.
ISBN: 9782070126873

Marin, I.K.; Aragão, O.R. **Do que fala o corpo do bebê.** São Paulo: Editora Escuta. 2013, 300 p.
ISBN: 9788571373396.

Ogden, T.H. **Reverie e Interpretação: captando algo humano.** Tradução de Tânia Mara Zalberg. São Paulo: Escuta, 2013

_____. **Leituras Criativas- Ensaio sobre obras analíticas e seminiais.** São Paulo: Editora Escuta, 2014, 272 p.
ISBN: 9788571373532

Pires, L. **Do silêncio ao Eco - Autismo e clínica psicanalítica.** São Paulo: Editora Edusp – FAPESP, 2007, 128 p.
ISBN: 9788531410093

Prat, R. A pré-história da vida psíquica: seu futuro e seus obstáculos na ópera do encontro e no processo terapêutico. **Revista de Psicanálise** da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, 15, nº 2, 2008

Quintana, M. **Lili inventa o mundo**. Global Editora, (1989/2005). 48 p.
ISBN: 978-85-260-0993-6

Rache, E. Tanis B. **Roussillon na América Latina**. São Paulo: Editora Blucher, 2017, 228 p.
ISBN: 9788521212317

Rosa, J.G. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro; Editora Nova Fronteira, 1ª edição, 2001, 240 p.
ISBN: 9788520911518

Rosa, J. G. (1956/1986) **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira., 2017, 270 p.
ISBN: 978-85-62359-95-8

Roussillon, R. **Agonie, clivage et symbolisation**. (Fait psychanalytique (le) Paris: Puf, 1999, 256 p.
ISBN: 9782130504078

_____ **Paradoxos e situações limites da Psicálise**. Trad. Paulo Neves. São Leopoldo- R.S. Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. (Obra originalmente publicada em 1991), 2006, 292 p.
ISBN: 9788574312897

_____ Manuel de la pratique en psychologie et psychopathologie . Issy- les-Moulineaux: Elsevier- Masson, 2012.

_____ As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. **ALTER: Revista de Estudos Psicanalíticos**, 2012, v. 30, p.7-32. Disponível em http://www.spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2012_1/01Roussillon.pdf
Acessado em 18/05/2021.

_____ Teoria da simbolização: a simbolização primária- **Revista brasileira de Psicanálise** , 2015, 49 (1); 33-46

Safra, G.A. **A fase estética do self-Teoria e Clínica**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2005.
ISBN: 9788598239422

_____ **A Po-Ética na clínica contemporânea**: Aparecida: Editora Ideias fevereiro de 2018. (Obra original: New Selected Poems, Knopf Double-day. Publishing Group, 2009).
ISBN: 9788598239149

Saramago, J. **Clarabóia**. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2011, 384 p.
ISBN: 9788535919837

Schor D. **Heranças invisíveis do abandono afetivo- Um estudo psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática.** São Paulo: Editora Blucher, 2017, 216 p.
ISBN: 9788521211709

Strand, M. (2003) Mantendo as coisas inteiras. Tradução de Adriano Nunes. Disponível em <http://astridpasdoverso.blogspot.com.br/2014/11/mark-strand-keeping-things-whole.html> Acesso em 25 de fevereiro de 2018 (obra original: New Selected Poems, Knopf Doubleday Publishing Group, 2009

Trevarthen, C. y Hubley, P. (1978), "Secondary intersubjectivity: Confidence, confiding and acts of meaning in the first year", en Lock, A. (ed.), **Action, gesture ans symbol: The emergence of language**, Londres, Academic Press, pp. 183-229.

Winnicott, D.W. (1945a) Desenvolvimento emocional primitivo. In: D.W.Winnicott **Da Pediatria à Psicanálise.** Tradução de Jane Russo. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____ (1949). O mundo em pequenas doses. In D. W. Winnicott, A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: LTC, 2012, 318 p.

_____ **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas.** Rio de Janeiro: Imago. (1958^a), 456 p.
ISBN: 9781531207396

_____ (1963). Explorações Psicanalíticas. Tradução de José Octávio de A. Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983

_____ (1964/1982) A criança e o seu mundo. São Paulo, Editora Zahar.

_____ (1966). Autismo. In: Shepherd, Ray; Johns, Jennifer e Robinson, Helen T. (orgs).

_____ D. W. Winnicott: pensando sobre crianças. Porto Alegre: Jones & Bartlett, 1997, 296 p.
ISBN: 9788573072723

_____ (1966/ 1988) As origens do indivíduo. In: **D. Winicott (1988/1987) O bebê e suas mães.** São Paulo: Editora Martins Fontes (trabalho original publicado em 1966), 2^a edição, p. 43-50

_____ (1966/1988) A mãe dedicada comum. In. D. Winnicott (1988) **O bebê e suas mães.** São Paulo: Editora Martins Fontes (trabalho publicado em 1988), p.1-12

_____ (1967/1975) O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: **O Brincar e a realidade.** Rio de Janeiro. Editora Imago. (Trabalho publicado originalmente em 1951), 1p.153-162.

_____(1967/1988) **Os bebês e suas mães**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 112 p.
ISBN: 9788533622678

_____, (1967a) O conceito de indivíduo saudável. In: D. Winnicott (1967/1989) **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____(1963d) O medo do colapso (Breakdown). In: **Explorações psicanalíticas**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____(1968). O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In: **D. W. Winnicott, Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____(1983) A capacidade de estar só. In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

_____(1958a) A capacidade para estar só. In: O ambiente e os processos de maturação. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____(1986) **Tudo começa em casa**. Editora Martins Fontes. (Trabalho publicado originalmente em 1951), 1999

_____(1988[54]) **Natureza humana**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990

_____(1997) **Pensando sobre crianças**. Porto Alegre, Artes Médicas, Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese.
ISBN 85-7307-272-5